

JOANA ALEXANDRA DE OLIVEIRA CLARO

**AS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS NA DISCIPLINA
DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

UM ESTUDO MULTICASO

Orientador: Prof. Doutor Francisco Carreiro da Costa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2013

JOANA ALEXANDRA DE OLIVEIRA CLARO

**AS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS NA DISCIPLINA
DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

UM ESTUDO MULTICASO

Seminário/Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre Educação Física e Desporto no Curso de Mestrado em Educação Física e Desporto Escolar, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Francisco Carreiro da Costa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2013

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Francisco Carreiro da Costa,
meu orientador,
pelas sugestões e pelo constante incentivo, amizade e
acolhimento durante todo o processo, e pelo exemplo
de competência e profissionalismo.

Aos participantes desta pesquisa,
pela disponibilidade demonstrada, atenção e confiança,
em partilhar as suas práticas e reflexões, que permitiram a
construção desta pesquisa.

Aos meus familiares e amigos,
pelo amor, pela paciência, compreensão
e encorajamento durante todo o processo.

**A todos que direta ou indiretamente
colaboraram para que este projeto
se concretizasse.**

RESUMO

Este estudo procurou perceber que tipo de experiências, e concepções tiveram os alunos, associados às suas práticas na disciplina de E.F., e quais os fatores que influenciam as boas e más experiências dos alunos em relação à sua atitude face à E.F. Procurando perceber o pensamento dos alunos, e quais os correlatos com maior probabilidade de interferirem nas convicções dos mesmos.

O estudo realizou-se num estabelecimento privado, na região de Lisboa, com a participação de seis jovens, sendo três do género masculino e três do género feminino. Recorremos à aplicação de entrevistas para saber a opinião dos alunos sobre as experiências vividas na disciplina de E.F. e posteriormente realizámos a análise de conteúdo para circunscrever os fatores determinantes. Tendo, deste modo, sido possível considerar que a família exercer um “poder” preponderante na concepção e avaliação que os alunos fazem sobre a importância da manutenção do estilo de vida ativo. Bem como, a falta de preocupação revelada pelo professor, a falta de organização das aulas e planeamento das mesmas, e algumas das dificuldades na compreensão dos níveis de aprendizagem que os alunos apresentam, são também uma causa influenciadora nas experiências negativas, reveladas por estes alunos.

ABSTRAT

This study aim try to understand what kind of experiences and conceptions students had, associated with their practice in discipline of Physical Education (P.E.) classes, and what factors influence the good and bad experiences of students regarding their attitude towards P.E. Looking realize students thinking, and which related them most likely to interfere in the convictions of the same.

The study took place in Lisbon, at a College with six students, three male and two female. We methodologically we apply interviews to find out students opinion about the experiences P.E. classes and after that we did some analysis of contain to circumscribe the determining factors. Having thus been possible to consider the family to exercise a preponderant power in the design and assessment of pupils about the importance of maintaining an active lifestyle. As well, the lack of concern shown by the teachers, the lack of school organization and planning of classes, and some of the difficulties in understanding the levels of learning that students present, are also a cause influencer on negative experiences, relayed by these students.

Palavras – chave: Atividade Física; Educação Física; Experiências; Pais; Professores

Índice Geral

INTRODUÇÃO.....	7
REVISÃO DA LITERATURA	10
FAMÍLIA	11
PROFESSORES	13
ALUNOS	15
MÉTODO	18
APRESENTAÇÃO de RESULTADOS e DISCUSSÃO	22
Estudo Caso 1 – Maria	23
Estudo Caso 2 – Catarina	24
Estudo Caso 3 – Beatriz	25
Estudo Caso 4 – Manuel.....	25
Estudo Caso 5 – Ricardo	26
Estudo Caso 6 – Tomás	27
1ª Discussão.....	29
Estudo Caso 1 – Maria	32
Estudo Caso 2 – Catarina	33
Estudo Caso 3 – Beatriz	34
Estudo Caso 4 – Manuel.....	36
Estudo Caso 5 – Ricardo	37
Estudo Caso 6 – Tomás	39
2ª Discussão.....	42
Avaliação da Educação Física – Média Final.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
BIBLIOGRAFIA	51
ANEXOS	54

Índice Tabelas

Tabela 1 - Categorias pessoais.....	28
Tabela 2 - Categorias relacionadas com a E.F.	41
Tabela 3 - Avaliação da E.F.	45

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A Educação Física (E.F.) é uma disciplina que se encontra no currículo escolar, desde do primeiro ano de escolaridade, até ao décimo segundo ano. Esta é uma disciplina, juntamente com a Matemática e o Português, que acompanha os alunos em todo o percurso escolar.

No entanto, apesar da E.F. aparentemente apresentar semelhanças relativamente às outras duas disciplinas referidas, nomeadamente surgir ao longo de todo o percurso escolar, não tem a mesma dimensão, do ponto de vista do grau de valorização que cabe às outras duas. Como refere Crum (1993; p.134) “a Educação Física, na realidade das escolas públicas, não atinge o perfil de uma atividade de ensino-aprendizagem relevante, e daí que a sua base de apoio vá erodir-se ainda mais”. Como tal, seria necessário a existência de uma coesão conceptual em torno da ideia de que a E.F., deveria ser uma disciplina de ensino-aprendizagem orientada para a introdução das jovens gerações à cultura motora. Pois, segundo Bom (1993; p.17) “A actividade física educativa é tanto uma expressão das aptidões (“físicas”) de cada pessoa, como o domínio da língua portuguesa se caracteriza por competências expressivas e pela revelação de dotes individuais (de “comunicação”)”.

Neste sentido, o objetivo deste estudo foi perceber que tipo de experiências, e concepções tiveram os alunos, associados às suas práticas na disciplina de E.F. Como consideram Delfosse, Ledent, Carreiro da Costa, Telama, Almond, Cloes & Piéron (1997), a atitude dos indivíduos face à sua participação numa atividade desportiva está relacionada com o seu sistema de valores. Este estudo teve ainda como objetivo, entender quais os fatores que influenciam as boas e más experiências dos alunos em relação à sua atitude face à E.F. Procurando perceber o pensamento dos alunos, e quais os correlatos com maior probabilidade de interferirem nas convicções dos mesmos, melhor capacidade terá o professor para transformar /educar o aluno considerando as Finalidades de E.F. Nomeadamente, promover o gosto pela prática regular das atividades físicas, desenvolver a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à interpretação e participação na responsabilidade, cooperação e solidariedade pessoal, na ética desportiva, na higiene e segurança pessoal e coletiva, fundamentalmente (Programa Nacional de Educação Física, 2005).

Com os propósitos acima enumerados, o estudo englobará, deste modo, uma pequena contextualização teórica, onde são apresentadas algumas perspectivas, pais, alunos e professores, relativas ao tema a estudar. A metodologia do trabalho, onde são apresentados os

relatos das experiências vividas pelos alunos, através da realização de entrevistas, seguida de uma análise e discussão dos dados através de análise qualitativa e determinação dos fatores determinantes encontrados, finalizando com as considerações finais do estudo.

REVISÃO DA LITERATURA

REVISÃO DA LITERATURA

Após o nascimento, a criança inicia um processo de adaptação ao mundo. Desde muito cedo, esta efetua aprendizagens com as pessoas com quem interage. O processo de socialização decorre muito antes do período escolar, na maioria dos casos: a criança aprende a falar, a andar, a jogar, a relacionar-se com os outros, a interiorizar valores culturais, entre outros.

Assim, as experiências biográficas têm uma forte influência nas nossas orientações futuras. Ao experimentar, ao agir sobre a situação, o indivíduo percorre um caminho, contorna obstáculos e mantém ou reconstrói os conhecimentos anteriormente adquiridos. Caso as experiências sejam bem sucedidas, o indivíduo terá referências positivas em relação ao seu percurso. Caso contrário, o reverso será também algo a considerar.

Como referem, Cardinal, Yan & Cardinal (2013), as pessoas ligam os sentimentos das suas vidas, às recordações das experiências que tiveram. Recordações essas, que poderão ser lembradas através das memórias. Se as experiências forem associadas a sentimentos positivos, tendem a ser atrativos para as pessoas. Se por outro lado, as experiências forem associadas a sentimentos negativos, tendem a ser adversos às pessoas. Continuando na mesma linha de pensamento, “É a memória que nos dá o sentimento de identidade pessoal: as experiências vividas, acumuladas, e que reconhecemos como nossas, constituem o nosso património pessoal, que nos distingue dos outros e nos torna únicos”, como referem Monteiro & Ribeiro dos Santos (2002; p.90). Como sabemos, a nossa memória tem a capacidade de reter informação a curto e a longo prazo. No entanto, essas informações poderão ser esquecidas, através de novas aprendizagens. O ser humano poderá recordar mais facilmente uma memória negativa, pois é aquela que nos afeta mais. Geralmente distinguem-se duas formas de interferência nas nossas recordações: a inibição proativa e a inibição retroativa. As recordações negativas estão mais relacionadas com as interferências da inibição proativa. Pois esta, “corresponde à influência negativa que a aprendizagem anterior tem sobre a recordação de uma nova informação” (Monteiro & Ribeiro dos Santos, 2002; p.100). Dando um exemplo na área desportiva: um aluno cai e magoa-se a efetuar um salto no minitrampolim. Passado algum tempo é-lhe pedido que salte novamente. A experiência anterior poderá influenciar e interferir, na execução do novo salto. Deste modo, serão necessárias várias tentativas e de forma positiva, para que essa recordação negativa seja esquecida. O mesmo acontece com todas as experiências vividas pelas crianças, jovens e adultos.

Assim, e visto que este estudo se destina a perceber as influências das experiências vividas pelos alunos na disciplina de E.F., torna-se importante compreender, como é que atualmente, nas nossas escolas os alunos veem, ao longo dos seus doze anos de escolaridade obrigatória, essa experiência vivida. Considerando o anteriormente apresentado, abordaremos esta análise de acordo com três perspetivas: pais/família; Professores e Alunos.

FAMÍLIA

Alguns estudos ¹ demonstram que “a influência familiar pode ser um fator determinante no hábito de atividade física nos adolescentes, pois os hábitos saudáveis são iniciados e mantidos no contexto familiar” (Raphaelli, Silva, Santos, Leal, Munhoz & Hallal, 2009).

Pensa-se que os pais, através das suas crenças e estilo de vida, têm grande influência no modo como os alunos encaram e veem as aulas de E.F. pois, são os pais que transmitem, de um modo geral, os primeiros valores e iniciam o processo de socialização. Deste modo, a opinião dos pais sobre o processo formativo em E.F. constitui um indicador do estatuto que a sociedade atribui à disciplina de E.F., como refere Diniz, (1997). Mas também, um elemento decisivo na formação da concepção dos jovens, face à sua atitude em relação à disciplina.

Nos trabalhos de investigação realizados por Carreiro da Costa, Carvalho, Diniz & Onofre (1996), onde foram examinados os valores e crenças dos pais face à E.F., os autores puderam concluir que:

- Apesar de, para a maioria dos pais, a E.F. devesse ser uma disciplina obrigatória, esta não deveria contar para a avaliação dos alunos;
- Apesar de identificarem a E.F. com a saúde, preferissem que as aulas se caracterizem por um maior ambiente de ensino-aprendizagem do que, pela melhoria e treino das capacidades físicas.

Deste modo, o estudo realizado sugere que em Portugal os pais desejam que a E.F. assuma um lugar no currículo nuclear da escola. No entanto, não a consideram como fundamental para a progressão escolar dos alunos e acabam por, de forma disfarçada, reposicionar a disciplina de E.F. como menos importante. Também no estudo de Carreiro da Costa, Carvalho, Diniz e Onofre (1998), as mesmas conclusões foram verificadas. Os pais

¹ Sallis, Prochaska & Taylor (2000); Hallal, Bertoli, Gonçalves & Victoria (2006); Anderssen, Wold & Torsheim (2006); Gonçalves, Hallal, Amorim, Araújo & Menezes (2007); Silva, Nahas, Hoefelmann, Lopes & Oliveira (2008); Seabra, Mendonça, Thomis & Anjos (2008)

desempenham um papel fundamental na vida dos seus filhos. Aproximadamente 100% dos pais pensam que a E.F. é necessária no currículo escolar. Apesar de 50% dos pais, acabar por afirmar que esta deveria ser uma matéria isenta de avaliação e opcional no panorama curricular.

Os mesmos autores, em 1998, verificaram ainda que, os alunos que praticavam atividade desportiva fora da escola, eram normalmente filhos de pais que tinham interesse por atividades físicas como praticantes e como espectadores.

Outros estudos² confirmam também esta evidência que “a influência familiar pode ser um fator determinante no hábito de atividade física nos adolescentes, pois os hábitos saudáveis são iniciados e mantidos no contexto familiar” (Raphaelli, et al., 2009). A família poderá mesmo ser considerada como um dos principais fatores de influência nos jovens adolescentes. Diniz (1997) chega inclusivamente a afirmar que, as características dos pais e professores apresentam relações mais intensas, com as oportunidades para aprender do que, as características dos próprios alunos.

Assim, no que se refere à prática de atividade física, as crianças terão maior interesse em realizá-la, casos os pais tenham uma concepção positiva sobre a mesma. O facto de os pais terem sido praticantes desportivos e perceberem a importância que a prática de atividade física tem na vida do indivíduo, poderá levar a criança a gostar de praticar também. Por outro lado, se os pais não tiverem qualquer relação com a atividade física ou tiveram uma má experiência com esta, as suas influências serão transmitidas aos seus educandos. A juntar a este aspeto, alguns pais são uma fonte perturbadora para a prática desportiva dos seus filhos, independentemente de terem sido praticantes ou não. São geralmente denominados, ‘fanáticos pelo desporto’. Como refere Coelho (2004; p.43), é “o desejo de concretizar os seus próprios sonhos através da sua descendência leva-os a fazerem exigências irrealistas aos filhos em vez de os ajudarem a desenvolver os seus próprios níveis de performance”.

² Sallis, et al., (2000); Hallal et al., (2006); Anderssen et al., (2006); Murnan, Price, Telljohann, Dake, & Boardley (2006); Gonçalves et al., (2007); Silva et al., (2008); Seabra, et al., (2008)

PROFESSORES

As aprendizagens ajudam a formar o pensamento e a opinião sobre o que nos rodeia. Os professores têm uma poderosa influência na aprendizagem dos alunos, manifestando uma paixão pelo trabalho que realizam. Como referem Lopes & Silva (2010; p. XXIII), “Interrogam-se, preocupam-se com as razões por que os alunos não estão a fazer os progressos adequados, procuram provas de sucessos e falhas, procurando ajuda quando precisam a fim de melhorar o seu ensino”.

Marques (2004) considera que o professor deve proporcionar a todos os alunos a aquisição e assimilação de todos os conteúdos abordados, de forma a saberem utilizá-los posteriormente, de forma autónoma.

No que se refere à disciplina de E.F., os professores também poderão ser um fator influenciador naquilo que se considera ter sido uma boa ou má experiência nesta disciplina. As escolhas do professor estão obviamente condicionadas pelo currículo da Escola, pelos recursos espaciais e materiais e naturalmente pela sua concepção de E.F. Na generalidade os professores conduzem a sua prática de modo a proporcionar aos seus alunos uma E.F. inclusiva, eclética e multilateral. Dado que, a E.F. deverá ser para todos, mas não igual para todos. E tal como refere Carreiro da Costa (2008), deverá ser uma disciplina emancipadora, onde se prepara as crianças e os jovens para uma participação gratificante na cultura do movimento, dedicando especial atenção à promoção e aquisição dos estilos de vida ativos e saudáveis.

Cabe ao profissional de E.F. ter uma prática reflexiva: sabendo o que faz e porque faz, empenhando-se a fazê-lo da melhor maneira possível, sendo um verdadeiro agente de desenvolvimento curricular. Como refere Lopes & Silva (2010; p. XXV), “O currículo também precisa de oferecer, em cada matéria curricular, oportunidades para que se obtenha um bom equilíbrio entre o conhecimento superficial e profundo, o que leva à clareza de conceitos”. Um dos aspetos essenciais no desempenho do professor é o seu conhecimento técnico e artístico.

Do mesmo modo, como afirma Carreiro da Costa (1988), os professores mais eficazes são os que estruturam a atividade dos alunos de maneira a mantê-los o maior tempo possível empenhados. Para que isso aconteça, será ainda necessário planificar e preparar as aulas, de modo a conduzir a atividade, sem preocupações com o material, o espaço e os tempos, revelando-se esta uma estratégia de gestão prévia. O planeamento é um ponto fulcral durante

o ano letivo, e tal como afirma Castro, Tucunduva & Arns (2008), o planeamento é um instrumento fundamental no processo educacional, pois é através deste que se assinala as prioridades básicas, se ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a conquista das finalidades, metas e objetivos da educação. Esta estratégia de gestão prévia, contribui ainda para um estabelecimento de ordem no início da aula, ajudando a estruturar e a encurtar o período de transição, juntamente com a implementação de rotinas de organização, hábitos e regras. Desta forma, existirá um maior controlo sobre a turma, favorecendo um clima positivo de aula, evitando comportamentos de desvio e aumentando o nível de motivação dos alunos. Sendo estas componentes referidas por Abrecht (1994), como alguns dos elementos fundamentais para a melhoria de competências ao longo da avaliação formativa realizada pelo professor. Como complemento, é essencial que ao longo do ano letivo, a relação entre o professor e os alunos seja de respeito, em que o equilíbrio das emoções e dos diálogos fortaleça o processo ensino-aprendizagem. Tentando deste modo, criar boas experiências aos alunos, no âmbito desta disciplina. Pois, como expressa Carreiro da Costa (1984; p.22) “O êxito nas aprendizagens escolares depende, em grande parte, da qualidade do ensino”.

Segundo Cardinal, Yan & Cardinal (2013), as experiências negativas dos alunos em E.F., poderá originar adultos menos ativos. Um dos fatores que mais poderá estar na origem da ruptura com a prática desportiva, poderá ter a ver com o facto, dos professores deixarem que os alunos escolham o seu grupo. Geralmente os alunos escolhidos em último lugar são aqueles que apresentam menor capacidade ou habilidade para a prática desportiva. Deste modo, esta prática utilizada por vários professores deverá ser eliminada, pois é exatamente o oposto daquilo que se pretende, ou seja, garantir igualdade de oportunidades para todos os alunos.

ALUNOS

É através da escola que os alunos aprendem e que são ensinadas temáticas importantes para a sua vida futura. No entanto, os alunos também aprendem através da escola paralela. Esta designação está relacionada com as aprendizagens fora do currículo formal. Os pais, os mass-media, os amigos e mesmo o fenómeno desportivo, são alguns dos fatores que influenciam e transmitem outros conhecimentos. Muitas vezes essas aprendizagens poderão não ser as mais positivas, no entanto, fazem parte do desenvolvimento e crescimento da criança.

A presença da E.F. no currículo dos alunos desde do 1º ciclo, a par da disciplina de Língua Portuguesa, revela a sua importância para o desenvolvimento dos jovens.

Estas são duas disciplinas que se encontram no currículo escolar desde o primeiro ao décimo segundo ano de escolaridade obrigatória, e ambas de extrema importância, embora com competências diferentes. Como refere Bom (1993; p.17) “Parece-me correcto defender uma perspectiva – ou, melhor, uma realidade – em que a EF seja uma componente do currículo educativo de igual estatuto ao Português”.

A E.F. é uma disciplina imprescindível na escola, pois não se restringe à prática de atividade física nem às questões relacionadas com a saúde. Esta é muitas vezes confundida com o conceito *Desporto*, sendo por vezes necessário desmistificar essa ideia. Como se encontra expresso na Carta Europeia do Desporto (1992; p. 3) “Entende-se por “desporto” todas as formas de actividades físicas que (...), têm por objectivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”.

Deste modo, percebemos que este conceito é muito diferente da disciplina de E.F. Revelando-se por não ser competitiva, apesar de poder englobar a competição entre os alunos. A diferença mais significativa que nos merece realçar é a obtenção de resultados na competição a todos os níveis, o que implica uma seleção dos jovens, ou seja, uma atividade só para os mais aptos.

As recomendações para a prática de E.F. prescritas são de uma hora diária de atividade física para todos os indivíduos. Os alunos, em idade escolar, e no seu currículo contam com duas vezes por semana. Significativamente inferior ao desejável. Pese embora, alguns alunos ainda tenham uma prática desportiva exterior à Escola, através de um clube, esta é uma expressão pouco significativa para a totalidade de alunos existentes. Portanto, a prática de

E.F. escolar, assume um papel decisivo nas experiências futuras de todos os alunos e consequentemente nas suas escolhas, relativamente à participação de uma vida ativa. Embora a relação entre o exercício físico e os benefícios psicológicos seja bastante complexa, alguns estudos³ revelam que estes aumentam o rendimento académico, a assertividade, a confiança, a estabilidade emocional, o funcionamento intelectual, o locus de controlo interno, a memória, a percepção, a imagem corporal positiva, o autocontrolo, o bem-estar e a eficiência no trabalho. Por sua vez, diminui o absentismo no trabalho, o abuso de álcool, a ansiedade, a confusão, a depressão, as dores de cabeça, a hostilidade, fobias, o comportamento psicótico, a tensão e os erros no trabalho.

No estudo realizado por Leal & Carreiro da Costa (1997) avaliou-se a atitude que os alunos do segundo e terceiro ciclo demonstravam face à Escola, bem como as suas atitudes e comportamentos relativamente à disciplina de E.F. Os resultados desta investigação revelaram que os alunos apresentam uma atitude crítica face à Escola, sendo as instalações, a gestão/organização, os currículos, a inexistência de atividades de tempos livres e os professores, os principais indicadores. Apesar de todos estes indicadores, os alunos reconhecem que a Escola desempenha um papel fundamental, sendo um lugar privilegiado para o contacto social, permitindo ainda ajuda-los a seguir uma carreira profissional através de todos os conhecimentos adquiridos.

O reconhecimento da importância da Escola foi revelado pela maioria dos alunos entrevistados. Contudo, os alunos do género masculino revelaram uma atitude mais negativa face à Escola e ao seu processo de escolarização do que o género feminino. O oposto acontece quando se refere à disciplina de E.F. Esta apresentou níveis bastante elevados em termos de preferência dos alunos, no entanto os alunos do género masculino valorizaram mais a disciplina. É importante referir que o nível de aceitação face à disciplina de E.F. decresceu com a idade, sendo esta uma revelação importante para este novo estudo.

³ Taylor, Sallis & Needle (1985); Cruz J., Machado, P., & Mota, M. (1996)

MÉTODO

MÉTODO

Desenho do estudo

Este estudo é um estudo multicaso, pois trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores.

A recolha de dados é qualitativa, caracterizando-se por estudar o significado que os inquiridos atribuem aos fenómenos estudados através da análise do seu discurso. Esta recolha qualitativa possibilita uma grande profundidade na sua compreensão, sendo esta do tipo ideográfica, pois apresenta apenas a explicação de um evento. É um estudo de natureza indutiva, dado que procura descobrir, a partir de observações específicas, padrões entre os eventos observados.

Sujeitos

Para a realização do estudo, contámos com a participação de seis jovens do décimo segundo ano de escolaridade. A seleção desta faixa etária, fundamenta-se por perceber que tipo de experiências tiveram, relacionadas com a E.F. em todo o percurso escolar.

A seleção destes alunos teve como critério, o método de observação durante o decorrer das aulas de E.F. Pode-se acrescentar, que esta observação e seleção teve em conta o nível de habilidade dos alunos, sendo três alunos com características de nível elementar, na maioria das matérias observadas, das quatro áreas do quadro de extensão da E.F.: atividades físicas desportivas; atividades rítmicas expressivas; jogos tradicionais e populares e atividades exploração da natureza. Por outro lado, os restantes, três elementos, foram selecionados por demonstrarem competências de nível introdução, nas mesmas áreas. Do mesmo modo, foram considerados em igual número de participantes, e com o mesmo critério anteriormente assinalado, alunos do género masculino e feminino, tendo estes uma participação voluntária.

Instrumentos

Para a recolha de informação correspondente aos objetivos definidos para este estudo, o instrumento utilizado foi a entrevista, método de recolha de informação muito aplicado em estudos de natureza qualitativa.

A entrevista é uma interação entre um entrevistador e um respondente, na qual o entrevistador tem um plano geral de questionamento, mas não tem um conjunto particular de questões a serem colocadas, onde as mesmas palavras e ordem de perguntas são colocadas. Um dos mecanismos utilizados para poder suprir algumas das desvantagens, consistiu na utilização do anonimato e na solicitação para que respondessem com a maior sinceridade e exatidão.

Procedimentos

Para este estudo foram realizadas entrevistas a alunos de um Colégio particular na zona de Lisboa. Estas foram realizadas individualmente nas instalações do Colégio, sempre no mesmo espaço. Todas as entrevistas foram gravadas por forma a não existir perda de informação que poderia vir a ser importante para o estudo.

Por forma a realizar as entrevistas, foi necessário elaborar um guião com perguntas (anexo 1), colocadas consoante o desenrolar da conversa. Estas perguntas foram preparadas segundo uma série de fatores que poderiam estar na origem das experiências vividas pelos alunos durante as aulas de E.F.

Depois de transcritas as entrevistas, foram identificadas as palavras chave e sublinhadas nas transcrições (anexo 2), de acordo com as justificações mencionadas como experiências positivas ou negativas, pelos alunos. Depois de selecionadas as palavras chave, foram encontradas famílias de conteúdos, sustentadas pela revisão da literatura, originando os seguintes temas: a atividade física; o estilo de vida; os pais; a experiência na E.F. e a avaliação da E.F. Seguidamente, cada tema foi dividido em categorias, da seguinte forma:

- Atividade Física – praticou; pratica; não pratica;
- Estilo de Vida - ativo; sedentário;
- Pais – incentivo; obstáculo,
- Experiência na E.F. – E.F. passada; E.F. atual;
- Avaliação da E.F. – Contagem na média final; não contagem na média final.

Posteriormente, foram ainda consideradas subcategorias do tema a experiência em E.F., a saber: caracterização das aulas; caracterização do professor e recursos espaciais e materiais (anexo 3)

Após a divisão dos temas, das categorias e subcategorias, foram elaboradas três tabelas, por forma a analisar mais facilmente todos os dados recolhidos. A primeira tabela é referente aos temas que nos pareceram ser mais a nível pessoal: atividade física; estilo de vida e pais. No que se refere à segunda tabela, esta contém todas as subcategorias das experiências vividas na E.F., tanto passadas como atuais. Por último, e não menos importante, elaborámos uma terceira tabela, relativa à avaliação da disciplina de E.F na contagem para a média final.

Relativamente às tabelas um e dois, estas encontram-se seguidas, de uma análise de conteúdo individual de cada um dos entrevistados, para ser mais compreensível a nossa discussão.

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

APRESENTAÇÃO de RESULTADOS e DISCUSSÃO

Esta secção apresenta os resultados provenientes da pesquisa qualitativa. A análise das entrevistas, que compõem a parte qualitativa da pesquisa, foi realizada segundo o método de análise de conteúdo. Primeiramente, foi feita uma exploração do material das entrevistas, seguida de uma análise mais profunda. Com isso, foi possível identificar as categorias existentes no discurso dos indivíduos, considerando sempre o referencial teórico. Com o objetivo de encontrar os correlatos das experiências positivas e negativas dos alunos, foram identificados fatores/categorias, decorrentes da análise de conteúdo, que posteriormente foram divididos de acordo com a sua especificidade, enquadrando a sua análise. Assim, num primeiro grupo foram colocados os conteúdos mais relacionados com o contexto mais próximo dos indivíduos: o estilo de vida; a prática regular de atividade física e a família. Num segundo grupo, analisámos as questões mais relacionadas com a disciplina de E.F., sendo as categorias: a caracterização das aulas; a caracterização do professor e os recursos espaciais e materiais que cada Escola apresenta para a prática desta disciplina.

Para um melhor conhecimento sobre cada um dos grupos na generalidade e de cada uma das categorias, especificamente, foram elaborados duas tabelas distintas, ilustrando se a categoria foi positiva ou negativa para cada um dos alunos em causa, bem como a sua justificação, através de relatos feitos pelos entrevistados. Todas as entrevistas foram analisadas individualmente, seguidas por uma síntese (tabela 1 e 2) consoante as categorias em estudo, finalizando com uma breve discussão.

Estudo Caso 1 – Maria

A Maria pratica Basquetebol três vez por semana, mas também já praticou Ginástica Rítmica, *"aos seis anos entrei para a ginástica rítmica onde permaneci até aos doze anos"* – refere a Maria. O facto de ter deixado a Ginástica para ir para o Basquetebol não teve a ver com o gosto pela nova modalidade, mas sim pelas mudanças corporais existentes, próprias da puberdade. Esta, nas raparigas dispara entre os 10-12 anos observando-se o aparecimento dos caracteres sexuais secundários, geralmente caracterizados pelo crescimento do peito, o aparecimento dos pelos púbicos, o alargamento da bacia, entre outros.

Por forma a justificar a sua prática desportiva, a Maria refere que, *"O gosto pela prática desportiva, advém do gosto que os meus pais sempre tiveram, enquanto praticantes desportivos. Inculcando em mim e no meu irmão essa vontade de praticar também. E por acaso, bem como felizmente, parece que ambos conseguimos também herdar o jeito para a prática"*.

Segundo as palavras da Maria, o seu gosto pela prática desportiva advém do gosto que os seus pais também revelam pela atividade física. Assim, podemos concluir que nos deparamos com uma realidade sobre a influência que os pais revelam na personalidade dos seus filhos. No entanto, apesar de os pais conseguirem ter essa capacidade sobre os filhos, estes poderão ser ou não, benéficos para estes. Assim, na perspectiva de Coelho (2004; p.41) *"A maior parte dos pais ou se alheiam e ignoram totalmente a prática desportiva dos seus filhos ou, pelo contrário, demonstram por ela um interesse exagerado e obsessivo"*. Atualmente são muito poucos os pais que assistem à prática desportiva dos seus filhos com tranquilidade e serenidade, vivendo muitas vezes, obsessivamente pela prática destes.

Apesar dos pais da Maria se interessarem pela sua prática desportiva, estes também demonstram preocupação ao nível da disciplina de E.F., destacando a sua importância no currículo escolar. Pois como refere a Maria *"os meus pais sempre me mostraram que praticar atividade física é essencial na vida. Por isso é importante que exista esta disciplina na escola, para que todos os jovens consigam perceber a importância da prática de atividade física, como é que a devemos praticar, quais os cuidados a ter, bem como as questões da saúde, higiene e alimentação deverão ser explicadas"*.

O facto de a Maria gostar da prática de atividade física e esta ter tido alguma influência pelo gosto dos seus pais, podemos ainda admitir que esta aluna revela conhecimentos claros sobre a importância não só desta disciplina no âmbito escolar, como também sobre a prática regular de atividade física e os seus benefícios para a saúde. Deste modo, podemos perceber que

esta aluna manifesta um estilo de vida ativo. Não só porque pratica uma modalidade desportiva desde dos seus seis anos de idade, como também para além da sua prática de atividade física na disciplina de E.F., tenciona ainda continuar a sua prática por vários anos: *“enquanto que no basket tenho ainda muitos anos pela frente”* (Maria).

Estudo Caso 2 – Catarina

A Catarina atualmente não pratica nenhuma atividade física sem ser aulas de E.F., mas já praticou Ballet quando era criança e na sua adolescência passou a frequentar um ginásio. No entanto, apesar de essa prática desportiva ter sido realizada com gosto e dedicação, a Catarina revela ter-se descuidado um pouco com a sua prática, quando passou para o ensino secundário. Contudo, esta aluna refere que: *“agora vou-me inscrever outra vez no ginásio, porque agora vou para a faculdade e não quero perder este ritmo”*. Como tal demonstra alguma preocupação na falta de atividade física, apesar de não termos total certeza da execução da sua vontade. No entanto, torna-se já uma mais valia, a sua intenção de regressar à prática desportiva.

A Catarina revelou-nos um pouco da sua falta de percepção de competência, relativamente às aptidões físicas. Quando foi perguntado se alguma vez teria pensado em praticar outra atividade física que não fosse ir ao ginásio, a Catarina respondeu *“Eu já tentei, mas de facto as minhas aptidões físicas estão um bocadinho aquém... ainda não encontrei assim nada que eu gostasse mesmo de fazer, mas gostava também de praticar algum desporto”*. Deste modo, a falta de auto estima poderá estar na origem da ausência de atividade física. Contudo, este não será um dado concreto, pois efetivamente não conseguimos perceber se este é um fator determinante para a realização das tomadas de decisão do indivíduo.

Como referido, outro dos fatores que poderá influenciar a Catarina na sua prática desportiva será os pais. Neste tema a aluna refere: *“A minha mãe está-me sempre a dizer que eu tenho de encontrar alguma coisa para fazer, porque eu fico sentada demasiado tempo no sofá, e está-me sempre sempre a tentar meter-me em alguma coisa”*. Logo conseguimos perceber que os pais da Catarina, principalmente a mãe, não concordam muito com o facto de a filha não praticar nenhuma atividade física sem ser nas aulas de E.F., tentando incentivá-la à prática da mesma.

Reunindo estes dois tópicos falados sobre a Catarina, chegamos à conclusão que esta aluna leva um estilo de vida sedentário, no entanto tem consciência do estilo de vida que leva, dizendo *“eu fico sentada demasiado tempo no sofá”*, mas revela uma intenção positiva no que leva à sua prática desportiva futura.

Estudo Caso 3 – Beatriz

A Beatriz praticou equitação, saindo devido à distância do picadeiro, bem como à idade dos animais que se encontrava habituada. Apesar disso, a Beatriz não descorou a sua prática de atividade física, iniciando-se na natação até à atualidade. Contudo ao longo do seu processo como desportista, a Beatriz revelou ter tido um problema no joelho que a levou a ter altos e baixos na sua prática desportiva. Assim, a aluna justifica a sua prática na natação do seguinte modo: *“No inicio fui para aprender a nadar mas depois saí. Depois voltei a entrar, depois tive um problema no joelho, mas depois voltei a entrar porque acho que faz bem e eu gosto”*. Contudo, o facto de a Beatriz apenas praticar natação uma vez por semana, tenciona ainda após o término do ensino secundário, continuar a pratica de Atividade Física: *“Hum, sim eu já tinha pensado nisso. Até porque eu ginásio não acho muita piada e depois praticar algum desporto, eu acho que é tipo, há coisas que eu gosto mas por exemplo, eu gosto de basket e de volei, mas eu não podia treinar tipo todos os dias, por causa do joelho. E eu já pensei nisso, porque eu já ando na natação há imenso tempo e eu gostava de praticar outro desporto, mas não sei bem o quê.”*.

A lesão no joelho remete a Beatriz numa circunstância constrangedora. Pois, a vontade de praticar atividade física é notória, mas as possibilidades são reduzidas. O gosto demonstrado pela aluna no que se refere ao Voleibol, poderá advir do seu pai, praticante da modalidade durante alguns anos. No entanto, o gosto pelo Basquetebol foi apontado como um gosto pessoal. Mais uma vez, colocamos a hipótese de influência do factor “pais”. Os pais da Beatriz, segundo esta, *“acham que é importante porque é sempre bom fazermos desporto e aprendermos diferentes matérias”*.

Porém, apesar das limitações apontadas pela aluna, o facto de praticar apenas uma vez por semana natação e agregando as duas aulas semanais que a aluna tem, na disciplina de E.F., podemos considerar que leva um estilo de vida ativo.

Estudo Caso 4 – Manuel

O Manuel praticou atletismo na sua outra escola e atualmente pratica futsal na escola que frequenta. Apesar de o Manuel praticar atividades, extra as aulas de E.F., sempre nas escolas que frequenta, o aluno tenciona continuar a praticar atividade física quando for para a universidade. Deste modo conseguimos perceber que este aluno revela um estilo de vida ativo,

pois agregando as duas aulas de E.F. semanais com os dois treinos de futsal por semana, o Manuel apresenta bastante tempo dedicado à prática de atividade física.

No que se refere aos pais do Manuel, estes apoiam o filho na sua prática desportiva ao longo dos seus doze anos de escola, bem como *“Acham que é importante fazermos Educação Física e apoiam a disciplina, dizendo que esta é necessária na escola”*. Como tal, este apoio dos pais do Manuel torna-se fundamental na construção do seu conhecimento sobre a importância da prática de atividade física.

Estudo Caso 5 – Ricardo

O Ricardo é um aluno um pouco diferente dos casos que vimos anteriormente, pois não pratica qualquer modalidade desportiva nem fora da escola nem no desporto escolar.

Durante a entrevista o aluno mostrou-se com vontade de responder às perguntas no entanto, penso que não facilitou nada o processo de entrevista, pois na maioria das perguntas feitas, o aluno demonstrou uma resposta negativa. Pode-se ainda acrescentar que esta entrevista demorou muito pouco tempo, pois todas as respostas foram dadas de forma sucinta e objetiva.

Uma das primeiras perguntas a serem abordadas foi se o aluno praticava alguma atividade física, para além das suas aulas de E.F. À qual o aluno respondeu do seguinte modo: *“Não. Nunca pratiquei e nem penso praticar”*. Seguidamente foi-lhe perguntado se essa, não prática, se devia a uma opção ou se existia algo que o impedisse de praticar, como por exemplo uma lesão. O Ricardo referiu: *“Não, não, por opção mesmo. Eu não gosto muito de praticar desporto e não acho muita piada à disciplina de E.F.”*. Deste modo, durante a entrevista foi tentado que o aluno desse a sua opinião sobre a importância da atividade física no dia-a-dia da população. Este respondeu que: *“Sim, a prática de atividade física é boa, mas para quem gosta dela. Eu prefiro passar o meu tempo a jogar computador ou a estudar quando tenho testes. Não tenho lá muito feito para praticar atividade física, e também não me escolhem para as equipas quando estamos na aula, por isso é uma seca. Para além disso, tenho medo de fazer cambalhotas”*. Através da análise desta resposta, conseguimos entender que se encontram aqui vários fatores que levam o Ricardo a não gostar de praticar atividade física, fatores esses que serão visualizados mais à frente. No entanto, ainda não percebemos se o fator pais poderá também estar na origem do problema. Assim, quando foi abordado esse tema, o Ricardo referiu que os pais nunca tiveram possibilidades de praticar nenhuma modalidade desportiva porque passavam o tempo a trabalhar. Ainda assim, conseguimos perceber que os pais deste aluno olham para a disciplina de E.F. da seguinte maneira: *“Aceitam que não goste da disciplina,*

porque a preocupação deles é que eu tire boas notas, principalmente a Matemática e a Português”. O que significa que mais uma vez o fator pais encontra-se envolvido no processo.

Com tudo isto, podemos concluir que este aluno apresenta um estilo de vida sedentário, pois não pratica mais nenhuma atividade física sem ser nas aulas, pois como refere: *“Eu prefiro passar o meu tempo a jogar computador ou a estudar quando tenho testes”*. Ainda acrescentamos o facto de o Ricardo, aparentemente ser um aluno que apresenta uma forte constituição física, o que poderá levar mais tarde a problemas do foro cardiovascular. Como tal, a forma de prevenir a obesidade, será através de uma dieta alimentar equilibrada, de uma atividade física regular e ainda através de um modo de vida saudável.

Estudo Caso 6 – Tomás

O Tomás praticou Futebol desde pequeno até entrar no ensino secundário, referindo a seguinte justificação: *“Eu fui porque o meu pai achava que tinha muito jeito e que poderia chegar longe. Mas aquilo começou-me a aborrecer e quando entrei para o secundário decidi dedicar-me mais à escola”*. Atualmente o Tomás utiliza o ginásio duas vezes por semana, bem como de vez em quando joga futebol ao fim de semana com os amigos.

A decisão da prática de futebol foi, aparentemente, tomada pelo seu pai, no entanto o Tomás revela que também gostava de praticar. Contudo o Tomás revelou que algumas vezes, não tinha vontade de ir, mas que o pai o obrigava. Quando chegou ao ensino secundário o aluno decidiu dedicar-se mais à escola, deixando o futebol. Pelo que o aluno conta, que o seu pai ficou triste, mas respeitou a sua decisão até à data.

No que se refere à disciplina de E.F., o aluno menciona: *“O meu pai como é virado todo para o desporto, acha que a disciplina é importante e que nos ajuda a manter em forma. No entanto a minha mãe acha que é importante, porque a E.F. não é só fazer atividade física, mas sim aprender regras como.... sei lá, higiene e isso, ela acha que é importante termos Educação Física. Mas, insiste que eu tenha melhores notas nas outras disciplinas”*. Deste modo, é de fácil percepção que ambos têm a noção da importância da disciplina, no entanto a justificação para tal é bastante diferente.

Contudo, apesar da influência do pai e da decisão tomada pelo Tomás, este não deixou de ter um estilo de vida ativo, continuando a sua prática de atividade física, embora de forma diferente.

JOANA ALEXANDRA DE OLIVEIRA CLARO
AS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UM ESTUDO MULTICASO

	Atividade Física			Estilo de Vida		Pais	
	Praticou	Pratica	Não Pratica	Ativo	Sedentário	Incentivo	Obstáculo
Maria	✓	✓	✗	✓	✗	✓	✗
<u>Justificação</u>	"aos seis anos entrei para a ginástica rítmica onde permaneci até aos doze anos"	"Atualmente pratico basquetebol"		Desde dos 6 anos que a Maria pratica Atividade Física fora da escola		"os meus pais sempre me mostraram que praticar atividade física é essencial na vida"	
Catarina	✓	✗	✓	✗	✓	✓	✗
<u>Justificação</u>	"Quando eu era pequena pratiquei ballet. Mas também já fiz natação"		"quando passei para esta escola no 10º ano,..., e só tenho feito as aulas de EF"		"porque eu fico sentada demasiado tempo no sofá"	"A minha mãe está-me sempre,..., a tentar meter-me em alguma coisa"	
Beatriz	✓	✓	✗	✓	✗	✓	✗
<u>Justificação</u>	"antes praticava equitação"	"Agora só pratico natação"		A pratica de natação agregado às duas vezes de EF, ajuda a Inês a ser uma pessoa ativa		"Eles acham que é importante porque é sempre bom fazermos desporto e aprendermos diferentes matérias"	
Manuel	✓	✓	✗	✓	✗	✓	✗
<u>Justificação</u>	"já fiz atletismo na outra escola"	"Pratico futsal cá no colégio"		Praticou atletismo, pratica futsal e tenciona continuar a praticar atividade física na Universidade		"Acham que é importante fazermos EF e apoiam a disciplina, dizendo que esta é necessária na escola"	
Ricardo	✗	✗	✓	✗	✓	✗	✓
<u>Justificação</u>			"Não. Nunca pratiquei e nem penso praticar"		"Eu prefiro passar o meu tempo a jogar computador ou a estudar quando tenho testes"		"Aceitam que não goste da disciplina, porque a preocupação deles é que eu tire boas notas, ... a Matem. e a Português"
Tomás	✓	✓	✗	✓	✗	✓	✗
<u>Justificação</u>	"pratiquei futebol"	"Eu duas vezes por semana vou ao ginásio"		Praticou futebol, frequenta o ginásio e as aulas de EF, considerando-se uma pessoa ativa		"O meu pai ..., acha... ajuda a manter em forma. A minha mãe acha importante, mas insiste que eu tenha melhores notas nas outras disciplinas"	

Tabela 1 - Categorias pessoais

Legenda:

✓- Experiência positiva
✗ - Experiência negativa

1ª Discussão

Ao longo dos seis casos apresentados, foram referidos três fatores – a influência que os pais poderão ter na vida desportiva dos seus filhos, bem como o estilo de vida que estes levam por auto recreação ou não, através da prática de atividade física diária. Para que pudéssemos perceber esse estilo de vida, foi necessário ter conhecimento sobre a prática desportiva ao longo dos anos, até à atualidade, de cada um dos alunos entrevistados.

Assim, dos seis alunos entrevistados cinco deles já praticaram uma modalidade desportiva, para além da prática semanal da disciplina de E.F. As modalidades praticadas por estes alunos, foram as mais diversas, nunca se repetindo, estando a Ginástica Rítmica, o Ballet, a Equitação, o Atletismo e o Futebol na origem de um estilo de vida ativo que estes alunos tiveram enquanto praticantes. Dos cinco alunos referidos, apenas um, deixou de praticar totalmente atividade física, para além das aulas. Todos os outros trocaram de modalidade (Maria – Ginástica para Basquetebol; Beatriz – Equitação para Natação; Manuel – Atletismo para Futsal; Tomás – Futebol para Ginásio) não deixando, no entanto, de ter um estilo de vida ativo.

De um modo geral, é atualmente reconhecida a panóplia de benefícios que a prática regular de exercício e atividade física têm, não só ao nível fisiológico, bem como nos comportamentos relacionados com a alimentação e o tabagismo, na diminuição dos níveis de risco de doenças cardiovasculares e na prevenção de transtornos como a obesidade, e também ao nível da saúde mental. Efetivamente, embora a relação entre o exercício físico e os benefícios psicológicos seja bastante complexa, alguns estudos⁴ revelam que a prática de atividade física está relacionada com a melhoria do rendimento académico, da assertividade, da confiança, da estabilidade emocional, do funcionamento intelectual, do locus de controlo interno, da memória, da percepção, da imagem corporal positiva, do autocontrolo, do bem-estar e da eficiência no trabalho. Por outro lado, diminui o absentismo no trabalho, o abuso de álcool, a ansiedade, a confusão, a depressão, as dores de cabeça, a hostilidade, fobias, o comportamento psicótico, a tensão e os erros no trabalho.

No caso da aluna que deixou de praticar atividade física, fora do horário escolar, e pese embora tenha reconhecido a necessidade de ser mais ativa, isso em nada modificou o seu comportamento. A par desta situação a aluna também referiu que a sua percepção sobre a sua competência para a prática de atividade física era fraca, apesar de ter boas notas na disciplina.

⁴ Taylor, Sallis & Needle (1985); Cruz J., Machado, P., & Mota, M. (1996)

“Eu já tentei, mas de facto as minhas aptidões físicas estão um bocadinho aquém” (refere a aluna). Esta situação pode estar relacionada com uma diminuição de autoestima.

No que se refere ao jovem que não praticou nenhuma atividade física nem pratica, sem ser as aulas de E.F., apresenta automaticamente um estilo de vida sedentário. Esta inatividade poderá torna-lo mais susceptível a doenças do foro cardiovascular, ou mesmo à diminuição de autoestima, confiança, autocontrolo, estabilidade emocional, entre outros. Aumentando assim os níveis de ansiedade e tensão que poderão torna-lo mais vulnerável a nível académico.

A família é a principal fonte que nos guia e que nos ajuda a crescer e desenvolver o nosso próprio pensamento. Esta é também um fator determinante na formação de uma consciência crítica em relação à prática de atividade física. Pois como refere Raphaelli, et al. (2009) “a influência familiar pode ser um fator determinante no hábito de atividade física nos adolescentes, pois os hábitos saudáveis são iniciados e mantidos no contexto familiar”.

No que se refere aos jovens entrevistados, podemos concluir que existem obviamente pais com pensamentos diferentes. Pensamentos estes que poderão advir também, da sua história e experiência desportiva. Ao analisarmos as entrevistas conseguimos perceber que existem pelo menos três conjuntos de pais que influenciam positivamente a prática de atividade física e que também já foram praticantes. Num estudo realizado por Carreiro da Costa et al. (1998) verificou-se que, os alunos que praticavam atividade desportiva fora da escola, eram normalmente filhos de pais que tinham interesse por atividades físicas como praticantes e como espectadores. Por outro lado, assistimos a um caso em que o aluno apresenta um estilo de vida sedentário, que poderá estar na origem da influência negativa que os pais transmitem, por não terem participado em nenhum tipo de atividade física. Referenciámos pensamentos diferentes dos pais, uns que têm plena consciência do bem que faz a prática de atividade física, outros que entendem que o benefício e a importância da disciplina de E.F. na Escola não advém apenas de praticar atividade física, mas sim de aprender determinados conteúdos para se levar uma vida ativa e saudável, e ainda obtivemos um dos pais que, apesar do gosto e da vontade do filho não serem as indicadas, o obrigou a praticar uma modalidade desportiva.

A estes últimos, os designados fanáticos pelo desporto, são normalmente uma fonte de perturbação na prática desportiva dos seus filhos. Geralmente a principal razão está na origem deste comportamento, “o desejo de concretizar os seus próprios sonhos através da sua descendência leva-os a fazerem exigências irrealistas aos filhos em vez de os ajudarem a desenvolver os seus próprios níveis de performance”, como afirma Coelho (2004; p.43). Neste

preciso caso, não temos a certeza se este pai praticou alguma modalidade desportiva ou não, mas certamente não pensou, naquilo que o seu filho gostaria ou desejaria fazer.

Deste modo, podemos concluir que na maioria das vezes, os alunos apresentam um estilo de vida ativo, sendo este influenciado pela atitude que os pais revelam ter sobre a prática de atividade física, motivando ou não, os seus educandos para a prática regular da mesma.

Para que possamos perceber melhor algumas das experiências vividas por estes alunos durante as aulas de E.F., fizemos uma comparação sobre a E.F. atual e a passada. Como referido, para podermos comparar estes dois tipos de experiência, foi necessário previamente definir os fatores que poderiam estar na origem das experiências vividas pelos alunos. Fatores esses que foram selecionados segundo uma base bibliográfica. Assim, de seguida apresentamos a análise individual de cada um dos entrevistados, seguida da segunda tabela, referente às questões mais relacionadas com a disciplina de E.F..

Estudo Caso 1 – Maria

A caracterização das aulas na escola, é feita segundo determinadas condições. Condições essas que poderão fazer parte da escola ou de quem as leciona. Como tal, para podermos fazer uma análise e uma comparação entre o passado e o presente da Maria, será necessário perceber que a caracterização das aulas poderá ser influenciada pelos recursos espaciais e materiais e/ou pelo professor que leciona a disciplina.

A Maria revelou ter tido duas experiências diferentes, o que a levou a ter automaticamente dois estilos de aulas diferentes. Como relata: *“Na mesma escola tive 2 professores diferentes. Diferentes na forma de dar aulas, bem como na idade. Primeiro tive uma professora já com alguma idade que em algumas aulas colocava-nos a fazer atividades e outras onde podíamos escolher (por exemplo: raparigas na dança e rapazes no futebol). A nossa turma era muito boa a jogar voleibol e por isso, como fazíamos o que gostávamos, as aulas eram fixas. No entanto, no ano seguinte, tivemos um professor jovem, que era estagiário, e aquilo foi um choque para nós! Primeiro porque as aulas eram totalmente diferentes e depois porque havia regras, havia quem mandasse e sobretudo quem ensinasse, coisa que não estávamos habituados a ter! Foi um início de ano complicado, e o professor Hélder teve mesmo de numa das aulas, só conversar connosco e explicar qual era a função dele, que estava a ser avaliado e que precisava que a turma o ajudasse. Já não me lembro muito bem, mas acho que todos nós fizemos um esforço e as coisas foram muito diferentes. Aprendi muito naquele ano e acabámos mesmo por ganhar uma grande amizade com o professor Hélder. Nós gostávamos muito da professora Dulce, mas sem dúvida que só naquele ano aprendemos realmente, penso eu, o que é ter Educação Física”*.

Deste modo, conseguimos perceber que esta aluna, revelou ter tido dois estilos de ensino muito diferentes, o que poderá ter levado a diferentes experiências sentidas por esta. O facto de a professora os deixar escolher as matérias, mostra a falta de planeamento realizado. Afinal estamos a falar de um ensino básico onde os alunos deverão cumprir o que se encontra expresso nos Programas Nacionais de Educação Física e não escolher matérias, como se encontra declarado para o 12º ano de escolaridade. Contudo, o facto de escolherem as matérias mas a professora encontrar-se presente e os ajudar a ultrapassar as suas dificuldades, torna-se um ponto positivo, pois esta deverá ser a ação de qualquer professor.

Apesar deste ponto negativo, a Maria ainda revelou que *“... tínhamos um bom pavilhão, um campo exterior (embora o chão fosse aquelas pedrinhas) e ainda outro campo exterior com uma rede de voleibol e uma pista de atletismo, o que à partida quando calhássemos ali, já*

sabíamos que só podíamos fazer aquelas 2 atividades.” Assim, podemos perceber que apesar de escolherem as matérias, sempre que calhassem naquele espaço, já teriam automaticamente as matérias selecionadas. Logo podemos concluir que os espaços daquela escola não eram todos polivalentes e como tal as aulas provavelmente eram preparadas, tendo em conta os espaços de aula e não as prioridades que os alunos apresentavam, podendo deste modo prejudicar a aprendizagem dos mesmos. Como expressa Carreiro da Costa (1984; p.22) “O êxito nas aprendizagens escolares depende, em grande parte, da qualidade do ensino”. Isto significa que para existir uma boa qualidade de ensino, será necessário que o professor crie condições de sucesso aos alunos, bem como as decisões tomadas por este devem ir de encontro à promoção das aprendizagens escolares.

Por outro lado, a Maria também nos apresentou uma experiência positiva. Apesar desta ter sido complicada no início, revela ter sido o melhor ano que teve na disciplina de E.F. O facto de o professor ter sido estagiário poderá ter influenciado a maneira como lecionou e desenvolveu as aulas com aquela turma. Pois um professor estagiário além de possuir conhecimento dos alunos e das estratégias de ensino, deve, ainda, desenvolver capacidades de reflexão que lhe permitam resolver os problemas na aula. Bem como, todo o processo de ensino-aprendizagem deverá ser cumprido segundo o definido nos Programas Nacionais de Educação Física.

Atualmente a Maria conta ter qualidade nos espaços de aula, revelando que quando chove existe sempre um espaço onde a turma poderá ter a sua aula prática mesmo este sendo pequeno. As aulas parecem-lhe preparadas e com lógica e, segundo esta: *“Depois de ter vivido aquela experiência de uma mudança radical de professor, agora penso que este professor se encontra no perfil adequado”*.

Estudo Caso 2 – Catarina

A Catarina refere que a sua E.F. passada não se revela uma boa E.F. O facto de as aulas não estarem programadas e não serem lecionadas da melhor forma, também ajudou a Catarina a perder o gosto que tinha pela disciplina: *“era um bocadinho desta expressão do “deixa andar”, não éramos puxados até ao limite, se não conseguíssemos fazer uma coisa, ok não consegues tudo bem não vamos tentar que tu consigas fazer isso”*, confia a aluna. Após uma análise destas palavras, percebemos que mais uma vez o professor se encontra na origem do problema. Para que esta conclusão fosse verdadeira, foi necessário perceber o que a Catarina pensava sobre

o seu antigo professor de E.F. À questão lançada, a aluna diz que *“Na outra escola o meu professor era chamado o “bacano”, porque “ah não nos apetece fazer isso”, “então não façam vão-se sentar”, “então sentávamos e fazíamos praticamente o que quiséssemos.”* Ao olharmos para estas frases conseguimos perceber que o professor engraçado por vezes não é considerado o melhor professor. Este deverá conseguir ser flexível nas suas aulas. Pois, segundo o pensamento de Lopes & Silva (2010) o professor deverá usar todas as técnicas e conhecimentos para elaborar bons planos de aula, bem como ter a capacidade de improvisação. O que aconteceu com o professor da Catarina foi que, apesar de ser considerado um professor engraçado, não soube cativar os seus alunos para a aula. Ou seja, o facto de os alunos dizerem que não lhes apetece fazer, mostra alguma falta de desinteresse por parte destes. Deste modo, quando uma aula não desperta interesse, o professor deverá ser flexível ao ponto de arranjar uma alternativa que mude o sentimento de participação dos alunos. No entanto, apesar de tudo isto, é necessário perceber que podemos também estar perante um professor despreocupado com a evolução dos seus alunos. Segundo a entrevista realizada a Eric Hanushek⁵ (2011), Investigador da universidade de Stanford, este confessa que *“É preciso afastar os maus professores da sala de aula”*. No entanto, confia ainda que se torna difícil definir as características de um bom professor. Como tal, diz que a maneira mais simples é observar, se os alunos estão a aprender e a melhorar ao longo do ano letivo.

Relativamente às aulas atuais, a Catarina apresenta o seu professor de E.F. da seguinte maneira: *“são aprendizagens completamente diferentes, porque este stor obriga-nos de uma maneira positiva, claro a fazer as coisas e eu acho que isso é bom para nós, alunos”*.

Quanto aos recursos espaciais e materiais, a aluna manifesta qualidade em ambas as escolas.

Estudo Caso 3 – Beatriz

A Beatriz refere que gosta de fazer E.F., mas que as suas aulas referentes a esta disciplina, na antiga escola, eram diferentes das aulas da escola atual. *“Não sei, eu gosto. Gosto mais de umas matérias do que de outras. Acho que aqui na escola fazemos mais coisas do que fazia na minha outra escola”*, salienta a Beatriz. O facto de os alunos por vezes pensarem que poderão fazer mais atividades numa escola que noutra, poderá não ter a ver propriamente com a escola ou com os professores, mas sim com o currículo e o ano de escolaridade em que se

⁵ Entrevista realizada pelo Jornal Expresso a 15 de Janeiro de 2011, p.27

encontram. Neste caso, a aluna declara que tinha a sensação de que as aulas eram organizadas segundo o número de alunos presentes, o espaço onde se encontravam ou mesmo aquilo que os professores se lembravam na altura. Contudo, apesar destas declarações serem reais, não conseguimos determinar até que ponto são realmente verdadeiras. No entanto, certamente que se um professor dá a entender que não tem a aula preparada não terá de todo um bom processo de ensino-aprendizagem. Aquilo que os alunos creem, pensam e sentem, afeta a maneira como se comportam e como aprendem. Deste modo, é de fácil compreensão que se os alunos interpretam algo negativo numa aula, todo o processo de ensino-aprendizagem será posto em causa.

Por outro lado a Beatriz ainda refere que, *“... uma vez tive uma stora que era um bocado coisa nas notas. Por exemplo, os rapazes tinham sempre melhores notas que as raparigas, isso não era nada justo. Porque às vezes existia raparigas muito melhores que alguns rapazes, em todas as áreas, e tinham piores notas que eles”*.

Não se pode esquecer que o ensino está direccionado para a realização de objetivos e para o alcance de resultados. Uma possibilidade de adquirir dados acerca da qualidade de trabalho letivo, será um controlo dos resultados obtidos pelos alunos. Em linguagem específica das ciências de ensino, este é designado por avaliação. Contudo, esta poderá ser formativa ou sumativa. Habitualmente a população vê a avaliação como sumativa, esquecendo-se por vezes que a formativa é deveras importante para todo o processo de ensino-aprendizagem. Esta última, segundo Abrecht (1994) destina-se a ajudar o aluno, podendo igualmente ser útil para levar os professores, através de múltiplos feedbacks, a orientar o ensino com eficácia e flexibilidade, dispondo de pontos de referência para aplicação de estratégias pedagógicas. A avaliação formativa é um sistema de avaliação, que consiste em recolher ao longo de todo o ano letivo, informações úteis sobre as eventuais dificuldades que os alunos revelam na aprendizagem. Por outro lado, a avaliação sumativa encerra uma fase de aprendizagem, através da verificação dos conhecimentos adquiridos.

Deste modo, o facto de os alunos pensarem que uns poderão ter mais jeito que outros, no que se refere à prática de atividade física, estes poderão não estar a atingir os objetivos que são pretendidos, e que foram estabelecidos pelo professor no início do ano letivo, através da avaliação formativa realizada por este. Contudo, a comparação na prática desportiva entre o homem e a mulher, é muito vulgar na nossa sociedade. Apesar do homem apresentar, geralmente, uma estrutura músculo-esquelética mais forte, não indica que poderão ser mais hábeis à prática de atividade física. Como tal, essa estrutura músculo-esquelética masculina não poderá ser comparada com a feminina, quando estes se encontram em avaliação na disciplina de EF. Por isso, é que temos como exemplo, o facto de os testes de fitnessgram apresentarem

valores diferentes consoante a idade e o género. Todavia no caso da Beatriz, não poderemos ter total certeza sobre o referido, no entanto esta revela ter sentido esse termo de comparação.

A Beatriz ainda menciona delicadamente que os professores têm por vezes culpa, se os alunos não conseguem fazer algo. No entanto também refere que os alunos por vezes não se mostram com a força suficiente para ultrapassar as suas dificuldades. A aluna explica o seu pensamento através de um exemplo: *“Hum... Há coisas que, tipo o pino, eu não sei fazer o pino e nunca insistiram muito comigo e eu também, tipo, sozinha não, nunca tive aquela força de vontade de querer mesmo fazer”*. Relatos como este, deveriam ser ouvidos e lidos por vários professores de E.F., pois é através deles que, os professores refletem e pensam sobre o que devem melhorar para ajudar os alunos a ultrapassarem as suas dificuldades. Assim, deixamos uma pergunta para reflexão: como é que a Beatriz ou outro aluno desde do 2º ciclo, ciclo de iniciação ao pino de braços expresso nos Programas Nacionais de Educação Física, chega ao 12º ano e ainda não consegue executá-lo? A aluna refere mesmo que é por uma questão de medo que não realiza o elemento gímico. No entanto, não sabemos até que ponto se disponibilizou estes anos todos para a realização, com ajuda, do mesmo.

No que se refere às condições espaciais e matérias a Beatriz acrescenta ter tido sempre óptimos espaços de trabalho e materiais com qualidade.

Estudo Caso 4 – Manuel

O Manuel refere que na sua escola antiga a segurança era mais reduzida, relatando: *“Eu andava numa escola pública, e lá basicamente não, pronto não tínhamos obrigatoriedade de comprar os equipamentos lá da escola, podíamos ir como nós quiséssemos, podias usar.... Pronto não havia tanta segurança, penso eu. Podíamos usar os relógios que ninguém nos dizia nada. Pelo menos na minha turma ninguém nos dizia nada. E depois chegávamos lá e fazíamos, basicamente o que queríamos”*. O facto de os professores não terem cuidado com as questões dos utensílios utilizados pelos alunos, mostra alguma falta de preocupação com estes. Isto porque se um aluno estiver a jogar um jogo desportivo coletivo de invasão, e for a correr encostado a outro colega, poderá fazer-lhe um corte no braço e trazer problemas sérios. Como é óbvio, poderá não acontecer, mas mais vale precaver os alunos do perigo, do que acontecer realmente uma situação mais grave. Trazendo, deste modo, não só problemas para os alunos, como para o professor e para a Escola, como também para a própria disciplina de E.F. Deste modo, todos os alunos deverão fazer a aula sem qualquer acessório, sejam relógios, brincos, pulseiras, elásticos no pulso, fios, entre outras coisas.

Relativamente ao fator caracterização dos professores, o Manuel refere que na outra Escola teve dois tipos de professores. Um dos professores é referido como o preferido do Manuel, sendo mencionado da seguinte forma: *“Lá na outra escola, tivemos um professor durante um ano, depois ele acabou por integrar num projeto de solidariedade e foi para Angola trabalhar com os miúdos mais novos, e foi pena porque ele dava-nos grandes apoios e penso que foi um dos melhores professores que já apanhei”*. No entanto o aluno também refere que na outra Escola teve professores que permitiam que os alunos fizessem o que queriam, contando: *“O facto de fazermos o que queríamos por vezes na outra escola, poderá ser algo negativo, mas como fazíamos o que queríamos até acabávamos por gostar”*. Mais uma vez estamos perante um caso de um professor que não mostrou preocupação com os seus alunos e com a sua própria profissão. Pois a escolha da situação de aprendizagem é um dos aspetos fundamentais e mais delicados na orientação do processo de aprendizagem. Há que escolher as melhores situações, isto é, aquelas em que os alunos aprendam mais e melhor. Estas situações de aprendizagem são designadas como as oportunidades organizadas de prática, especificamente orientadas para o alcance dos objetivos do programa.

Os espaços de aula foram referidos como espaços de qualidade: *“Sim, tanto nesta escola como na outra sempre tivemos instalações boas. Mas como é óbvio apesar de serem boas, não têm nada a ver com estas”*, conta o Manuel. No que se refere aos materiais o Manuel diz que: *“Isso não. Os materiais estavam quase sempre bons. O facto de fazer por vezes algumas coisas com relógios ou pulseiras, como eu já tinha dito, basicamente às vezes podia haver um rasgão no colchão ou assim, mas em termos de estragado não”*.

Estudo Caso 5 – Ricardo

Apesar da adversidade à disciplina de E.F. e à prática de atividade física, propriamente dita, bem como de todas as dificuldades sentidas durante as aulas pelo Ricardo, podemos concluir que algumas delas, não eram as mais indicadas, pois como referido por este: *“Eu confesso que não era nem sou lá muito bom nos jogos, mas se a bola estava sempre no chão, como é óbvio nenhuma equipa conseguia jogar. Então estavam 12 pessoas ali a olhar umas para as outras, era uma seca”*. Como se encontra expresso nos Programas Nacionais de Educação Física, nomeadamente na matéria de Voleibol, esta deverá ser ensinada aos alunos, através de exercícios individuais e a pares, bem como em jogos de 1+1, 1x1, 2x2, 3x3 e se o nível de jogo permitir 4x4, referente ao ensino básico. Assim, uma das conclusões a que chegamos é que as aulas do Ricardo, no que diz respeito à matéria de Voleibol, não se

encontravam adequadas para o nível de jogo daquela turma. Durante este período de aula, o professor poderá ter arranjado alguns problemas, nomeadamente: o conhecimento sobre a matéria de voleibol; o desinteresse pela modalidade e a pouco e pouco pela própria disciplina; a redução do tempo potencial de aprendizagem e do tempo de empenhamento motor; o clima positivo de aula e o feedback pedagógico ficam postos em causa; entre outros problemas que poderiam advir daí.

Para além deste professor, o Ricardo ainda apresentou uma professora, a qual pelas palavras do aluno, foi referida como uma má professora, pois desmotivava o aluno à realização de qualquer atividade. O Ricardo confessou que: *“Tivemos uma professora que se sentava no plinto e nos mandava fazer um pino por cima daquela cena e nem nos ajudava, dava-nos um empurrão e por vezes batíamos lá com as costas. Para além disso, obrigava-nos a dançar e muitas vezes sem rádio, tínhamos de cantar água leva o regadinho, era uma estupidez! Eu não tinha jeito nenhum, e muito menos para cantar e ela gritava comigo. E ainda no trabalho de flexibilidade, punha-se por trás de nós, quando estávamos sentados no chão com as pernas afastadas, e só nos empurrava para baixo à bruta. Aquilo doía-me imenso, mas ela parecia que não queria saber”*. Deste modo, apesar da dificuldade e da falta de gosto pela disciplina que o Ricardo apresenta, podemos ainda concluir que esta professora não conseguiu motivar, nem ajudar este aluno, a atingir os objetivos que deveriam estar definidos para ele ao longo do ano letivo. Mas sim, a fazê-lo cada vez mais acreditar que a disciplina de E.F. não faria falta no currículo dos alunos.

Durante a entrevista, o Ricardo ainda contou que tem medo de fazer cambalhotas, revelando: *“Porque não as sei fazer! E tenho medo de me magoar”*, sendo-lhe perguntado de seguida se ao longo destes doze anos não houve nenhum professor que o ajudasse a ultrapassar esse medo: *“Não. Simplesmente eu não queria fazer e nunca ninguém disse que iria conseguir fazê-lo. Por isso desisti”*, mencionou o aluno. Deste modo, não conseguimos saber se foi realmente o Ricardo que nunca insistiu para fazer, ou se foram os professores que desistiram dele. Independentemente disso continuamos a perceber que na opinião do Ricardo, este não teve nenhuma experiência positiva ao longo dos seus doze anos de escolaridade. No entanto, não temos informações credíveis para perceber se as aulas apresentavam melhor qualidade de ensino.

No que se refere às condições e espaços de aula, o aluno refere que: *“Não existia nenhum problema quanto aos espaços. Tínhamos vários espaços para a aula, e os materiais nunca estavam estragados, tal e qual como acontece nesta escola”*.

Estudo Caso 6 – Tomás

O Tomás conseguiu contar duas experiências diferentes de dois ciclos diferentes. Este relata que no ensino básico, *“Não havia assim nada de mais. Fazíamos o aquecimento que era sempre diferente e divertido, nós gostávamos imenso. E depois fazíamos as matérias”*. No que se refere ao ensino secundário, o Tomás diz que: *“Era normal. Nós chegávamos à aula, eram feitas as presenças, depois corríamos à volta do campo durante dez minutos e depois nos quinze minutos seguintes fazíamos alongamentos e trabalho de força, flexões, abdominais, saltos, dorsais, por aí. E só depois começávamos a aula, propriamente dita”*. Refletindo um pouco sobre esta questão, aparentemente não existiria nada de mais na experiência relatada pelo Tomás. A verdade, é que as crianças não são robots, mas também é verdade que estes deverão ser preparados com regras de segurança e organização. Apesar de o Tomás no ensino secundário já se encontrar com maior maturidade, não significa que não tenham aulas diferentes. Pois, estas deverão ser motivadoras por forma a empenhar os alunos nas tarefas. Se os inícios de aula são sempre iguais, passa a ser uma monotonia, e estas serão encaradas de forma menos positiva. Pois, como podemos constatar, existe uma diferença na maneira como este aluno relata as diferenças encontradas entre o aquecimento do ensino básico e do ensino secundário.

No que se refere aos professores que o Tomás referiu durante a entrevista, estes eram um pouco diferentes. O Tomás conta que o seu professor na outra escola, *“(...) estava sempre a circular e a falar connosco, tipo dizendo aquilo que tínhamos que melhorar ou para dizer que estava bom ou melhor, por aí”*. No entanto, o seu professor da escola atual, é simplesmente o diretor da escola, e como tal as coisas são um pouco distintas. Apesar das diferentes tarefas que este professor/diretor tem de exercer dentro da escola, aparentemente não descuida as suas aulas, sendo estas mencionadas pelo Tomás, da seguinte forma: *“Por exemplo agora o nosso professor de Educação Física é o diretor da escola e por vezes ele tem de ir à bancada assinar papéis, ou vai lá alguém falar com ele sobre alguma coisa, ou mesmo ele chega em cima da hora porque esteve em reunião, mas não temos razão de queixa dele, porque apesar de ele ter essas tarefas para fazer, quando está “livre” ele dá-nos uma ótima aula”*. Esta situação poderá ser um pouco constrangedora para os alunos, ao verem a sua aula de E.F. a ser interrompida. Contudo, uma pessoa que tenha uma dupla função na escola ou em qualquer trabalho, deverá saber dividi-las nos momentos apropriados. Neste caso, este professor deveria ter assumido que enquanto lecionava uma aula, este era visto como um professor de E.F. e não como o diretor da escola. Assim, para que pudessem resolver os assuntos com o diretor, estes deveriam ser tratados em horas não letivas do professor, mas sim do diretor da escola.

Quanto aos recursos espaciais e materiais, o Tomás diz que “*Sempre tive condições para fazer EF e materiais de qualidade*”.

JOANA ALEXANDRA DE OLIVEIRA CLARO
AS EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UM ESTUDO MULTICASO

	Caracterização das aulas		Caracterização do professor		Recursos Espaciais e Materiais	
	Passada	Atual	Passada	Atual	Passada	Atual
Maria	✓ / ✗	✓	✓ / ✗	✓	✗	✓
<u>Justificação</u>	"Nós gostávamos muito da professora Dulce, mas sem dúvida que só naquele ano aprendemos realmente, penso eu, o que é ter EF. "	"Atualmente não tenho nenhuma razão de queixa"	"... as aulas eram totalmente diferentes... havia regras, havia... quem ensinasse, coisa que não estávamos habituados a ter!"	"... agora penso que este professor se encontra no perfil adequado"	"campo exterior com uma rede de voleibol e uma pista de atletismo, ... quando calhássemos ali, já sabíamos que só podíamos fazer aquelas 2 atividades. "	"sempre que está a chover e nós estamos no campo exterior, existe sempre um buraquinho para que possamos ter a aula de EF, mesmo que este seja pequeno para a turma".
Catarina	✗	✓	✗	✓	✓	✓
<u>Justificação</u>	"era um bocadinho desta expressão do "deixa andar", não éramos puxados até ao limite, se não conseguíssemos fazer uma coisa, ok não consegues tudo bem..."	"foi muito diferente e eu tive de encarar a EF de uma maneira um bocadinho mais séria do que encarava na outra escola".	"ah não nos apetece fazer isso, então não façam vão se sentar, então sentávamos e fazíamos praticamente o que quiséssemos".	"Com este stor também não, mas claro que são aprendizagens completamente diferentes, porque este stor obriga-nos de uma maneira positiva, claro a fazer as coisas "	"Tinham tudo o que esta escola tem, portanto ao nível dos materiais era igual"	
Beatriz	✗	✓	✗	✗	✓	✓
<u>Justificação</u>	"Acho que aqui na escola fazemos mais coisas do que fazia na minha outra escola. Até as aulas eram às vezes só uma matéria".		"mas tinha a sensação que os nossos professores na outra escola, faziam o que se lembrava na altura, ou consoante o nº de alunos que estávamos, ou pelas condições, espaços e materiais"	"...Há coisas que, tipo o pino, eu não sei fazer o pino e nunca insistiram muito comigo e eu também,...sozinha não, nunca tive aquela força de vontade de querer mesmo fazer"	" Sim sempre tivemos boas condições nas duas escolas onde andei. E o material também era de qualidade "	
Manuel	✗	✓	✓ / ✗	✓	✓	✓
<u>Justificação</u>	"Podíamos usar os relógios que ninguém nos dizia nada. Pelo menos na minha turma ninguém nos dizia nada. E depois chegávamos lá e fazíamos, basicamente o que queríamos".	Mais regras como o equipamento, as questões dos relógios e pulseiras são proibidos, havendo uma maior segurança e organização nestas aulas	"ele dava-nos... apoios e penso que foi um dos melhores professores que já apanhei"; "O facto de fazermos o que queríamos por vezes..., poderá ser algo negativo"	Os professores são referidos, pelo Miguel, como preocupados com o desenvolvimento e segurança dos alunos	"Sim, tanto nesta escola como na outra sempre tivemos instalações boas.	
Ricardo	✗	—	✗	—	✓	✓
<u>Justificação</u>	"punha a jogar voleibol de 6 e nunca conseguia tocar na bola, porque esta estava sempre no chão"	Não existe informação	"mandava fazer um pino... nem nos ajudava, dava-nos um empurrão e por vezes batíamos lá com as costas"; "no trabalho de flexibilidade, punha-se por trás de nós,..., e só nos empurrava para baixo à bruta."	Não existe informação	"Não existia nenhum problema quanto aos espaços. Tínhamos vários espaços para a aula, e os materiais nunca estavam estragados, tal e qual como acontece nesta escola"	
Tomás	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<u>Justificação</u>	"Fazíamos o aquecimento que era sempre diferente e divertido, nós gostávamos imenso. E depois fazíamos as matérias"	"ele dá-nos uma ótima aula "	"E o professor estava sempre a circular e a falar connosco, tipo dizendo aquilo que tínhamos que melhorar ou para dizer que estava bom ou melhor, por aí"	"...agora o nosso prof. de EF é o diretor da escola e por vezes ele tem de ir à bancada assinar papéis, ou ... quando está "livre" dá uma ótima aula"	"Sim. Sempre tive condições para fazer EF e materiais de qualidade"	

Tabela 2 - Categorias relacionadas com a EF

2ª Discussão

A criança, no tempo da aula, está protegida pela intervenção do Educador e as aulas constituem para todos, um espaço de oportunidade, de liberdade para experimentar e aprender. É natural que haja outro tipo de aprendizagens fora da escola, no recreio, entre outros. Deste modo, para uma melhor compreensão sobre as experiências vividas pelos alunos nas aulas de E.F., foram analisados diversos fatores como: a caracterização das aulas; a caracterização do professor e os recursos espaciais e materiais que a escola dispunha para a prática desta disciplina.

Esta análise foi feita considerando os doze anos que os alunos passaram na escola. Foi solicitada uma opinião que evocasse os anos anteriores e os recentes. Sendo possível verificar que as suas opiniões foram melhorando, considerando os dois momentos – atual e passado.

Uma aula de E.F. deverá ter presente alguns pontos importantes, para que se possa considerar uma boa aula nesta disciplina. Assim, como em todas as outras disciplinas, as aulas deverão estar planeadas e preparadas afim de poderem ser lecionadas aos alunos. No que se refere à E.F. e ao planeamento propriamente dito, este deverá conter não só os objetivos que foram definidos para a turma, gerais e específicos, contemplando as formas de organização, os estilos de ensino, o feedback pedagógico, a formação de grupos e as estratégias de diferenciação de ensino. Pois como referem os Programas Nacionais de Educação Física (2005; p.24) “Considera-se possível e desejável a diferenciação de objectivos operacionais e actividades formativas para alunos (...) segundo o qual a actividade formativa proporcionada aos alunos deve ser tão colectiva (...) quanto possível, e tão individualizada (...) quanto o necessário”.

Deste modo, o que foi possível verificar após a análise das entrevistas, foi que pelo menos três dos alunos entrevistados referem que os seus professores antigos não preparavam as aulas de E.F., demonstrando a falta de planeamento e organização das aulas. O planeamento é um ponto fulcral durante todo o ano letivo, e tal como refere Castro, Tucunduva & Arns (2008), o planeamento é um instrumento fundamental no processo educacional, pois é através deste que se assinala as prioridades básicas, se ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a conquista das finalidades, metas e objetivos da educação.

Relativamente às entrevistas podemos chegar à conclusão que na maioria das caracterizações das aulas de E.F. feitas pelos alunos, incluíam um clima de aula positivo. Contudo, apesar desse clima ser essencial, poderá levar a comportamentos inapropriados ou fora da tarefa, pondo em causa a dimensão disciplina. Por outro lado, numa das entrevistas foi realçado o facto de os alunos não conseguirem jogar Voleibol, já que o jogo formal não se encontravam ao nível das capacidades da turma. Esta questão põe em causa não só a avaliação inicial da turma, bem como o tempo potencial de aprendizagem e a dimensão instrução. Existindo deste modo, uma falha na capacidade de reajustamento, no feedback e na orientação e regulação das aprendizagens.

Apesar das condições serem importantes para um bom processo ensino-aprendizagem, que as aulas se encontrem planeadas e adequadas ao nível que a turma apresenta, todas estas questões só poderão resultar se o professor tiver capacidade e qualidade para lecionar de forma correta e harmoniosa as aulas de E.F, bem como conseguir motivar os alunos a realizar uma prática de atividade física diária, contendo preocupações ao nível da saúde.

Segundo Carreiro da Costa (1984; p. 26) “Não é possível dar uma resposta inequívoca sobre o que é um bom professor e sobre qual é a melhor estratégia de ensino ideal”. As estratégias de ensino deverão conter muito tempo potencial de aprendizagem, tendo em conta os objetivos e as condições em que o ensino se desenvolve. É de fácil percepção, segundo este autor, que não existe um professor ideal, no entanto, algumas das características essenciais para ser um bom professor foram debatidas anteriormente. Contudo, nunca é demais lembrar que apesar de não existir uma definição de um bom professor de E.F., sabemos que para que este tenha um ensino eficaz, deverá desempenhar um papel determinante no êxito das aprendizagens das atividades físicas, sendo estes, fundamentalmente nas questões do tempo potencial de aprendizagem, do feedback pedagógico, de um clima de aula positivo, orientado para a mestria, e de uma boa gestão e organização das atividades durante a aula.

Como conclusão, no fator da caracterização das aulas, a maioria dos alunos revelou ter tido experiências negativas. Isto revela-se pela falta de supervisão do professor, relativamente ao planeamento e controlo da turma. Por outro lado, o género feminino parece evidenciar-se mais nas experiências negativas relatadas, no que se refere à caracterização do professor. Este facto acontece pela forma descuidada, com que o professor parece ter conduzido todo o processo de ensino-aprendizagem.

Apesar de os recursos espaciais e materiais serem preponderantes na disciplina de E.F., nos alunos entrevistados, este factor mereceu apenas uma referência por parte de uma aluna. Esta mencionava condicionamento no espaço de aula à matéria a abordar. A não polivalência de espaços, pode por vezes condicionar o planeamento do professor, sendo por isso necessário que o roulement contemple as características dos espaços, para que possam ser distribuídos de forma equitativa pelas turmas.

Avaliação da Educação Física – Média Final

Durante as entrevistas foi ainda questionado aos alunos, qual era a sua opinião sobre a disciplina de E.F. ficar isenta da média escolar. Esta foi uma questão abordada, de modo a perceber se os alunos que obtiveram uma experiência negativa, referiam que a disciplina devia deixar de contar para a média final do ensino secundário. Bem como, se uma experiência positiva referia exatamente o oposto da anterior. Assim, ilustramos de seguida o quadro síntese das respostas mencionadas pelos entrevistados.

Avaliação da Educação Física		
	Deve contar	Não deve contar
Maria	✓	✗
<u>Justificação</u>	<i>“Acho muito mal. Primeiro qualquer disciplina que deixe de contar é estar, automaticamente a dizer que aquela disciplina só serve para encher o horário. É uma estupidez (e desculpe a expressão) mas uma disciplina que vem desde do 1º ano é porque é fundamental, e como tal deve-lhe ser dada essa importância”.</i>	
Catarina	✓	✗
<u>Justificação</u>	<i>“Eu acho que não. Porque mesmo que. ... as pessoas não gostem de EF e ... tenham mais dificuldades, eu acho que é sempre bom, porque se não contasse para a média as pessoas iam acabar por se desleixar, ... , principalmente aquelas que não gostam de EF. Iam pensar, não conta para a média, então não me vou esforçar porque não vale sequer a pena e eu acho que ao pensarmos que conta para a média, ao pensar que nós conseguimos fazer sempre mais eu acho que é um estímulo, eu tenho de conseguir fazer isto para ter uma boa nota, e isso também é algo que nos pode ajudar a fazer as várias atividades”.</i>	
Beatriz	✗	✓
<u>Justificação</u>	<i>“ ... para a média, pronto secalhar dava mais jeito que não contasse”</i>	
Manuel	✓	✗
<u>Justificação</u>	<i>“Eu acho mal. Mas quer dizer nós estamos sempre a pensar na média, e para aqueles alunos que são mais fracos até é bom, porque assim não lhes desce a média. O que não é o meu caso, pois a minha sobe um pouco. Cada uma das disciplinas tem a sua importância. Por exemplo, se nós não formos para uma faculdade que privilegie o desporto, por exemplo eu estou a tirar economia se eu for para a Nova, obviamente que eles não querem saber da Educação Física para nada, mas eu acho que ela é importante na escola e por isso deve contar como as outras”.</i>	
Ricardo	✗	✓
<u>Justificação</u>	<i>“Acho que a disciplina não serve para nada, primeiro estraga-me a média e depois tira-me tempo para estudar para as outras disciplinas”</i>	
Tomás	✓	✗
<u>Justificação</u>	<i>“Sim, sem dúvida. Já pratiquei um desporto fora da escola e já tive muitos colegas na EF. Consigo perceber que nem todos têm a oportunidade de poder praticar algo fora da escola, e portanto esta disciplina ajuda aqueles que não poderão ter outras oportunidades de prática, bem como não estamos apenas a fazer sempre um desporto, mas sim vários, né? E de certeza que cada um deles pede capacidades diferentes, e deixar de contar para a média seria dizer que esta disciplina não é importante”.</i>	

Tabela 3 - Avaliação da E.F.

Legenda:

- ✓ - Experiência positiva
- ✗ - Experiência negativa

As respostas revelam que a maioria dos alunos acha que a disciplina de E.F. deverá contar para a média o que torna este fator muito positivo, embora no estudo de Carreiro da Costa, Carvalho, Diniz & Onofre (1996), se tivesse verificado uma opinião completamente

diferente por parte dos pais, no qual prepunham que a E.F. devesse ser uma disciplina obrigatória, embora sem contar para a avaliação.

Talvez pelo facto dos alunos terem atualmente, melhores concepções sobre os seus professores e sobre a sua importância, esta disciplina, seja para a maioria dos alunos colocada num patamar de igualdade, relativamente às outras disciplinas. Corroborando a ideia de Bom (1993; p.17) “Parece-me correcto defender uma perspectiva – ou, melhor, uma realidade – em que a EF seja uma componente do currículo educativo de igual estatuto ao Português”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As modificações que se verificam no ser humano, podem ser estruturais ou comportamentais. Estas podem ser observadas, nas alterações de comportamento, de ação, de pensamento, de gosto, que o ser humano ao longo do seu processo evolutivo, vai alcançando. A memória, possibilitando a retenção das aprendizagens, facilita a resposta a estímulos diferentes ou semelhantes ou já aprendidos. A maioria das aprendizagens não são totalmente novas. Contudo, uma má experiência pode dar origem a uma má memória, e nem sempre uma boa experiência é lembrada de forma positiva. Deste modo, este estudo quis mostrar que tipo de experiências tinham tido alguns alunos, desde do primeiro ciclo ao ensino secundário, na disciplina de E.F. Bem como, quais os fatores que poderiam estar na origem desse tipo de experiência. Como vimos, existem vários fatores associados aos diferentes tipos de experiências vividas pelos alunos - o estilo de vida; a prática regular de atividade física; a família; a caracterização das aulas; a caracterização do professor e os recursos espaciais e materiais.

A experiência é um conceito muito abrangente e como tal, não pôde ser analisado na sua totalidade. Pelo que, para o interesse do estudo apenas foi considerado, as experiências mais significativas dos alunos, e se estas foram mencionadas como positivas ou negativas no seu percurso escolar.

Relativamente à perspetiva professores, rapazes e raparigas, têm melhores experiências atualmente do que no passado, no parâmetro caracterização das aulas. As experiências negativas associadas aos professores, referem-se à falta de preocupação revelada por este, à falta de organização das aulas e planeamento das mesmas, bem como revelam algumas dificuldades na compreensão dos níveis de aprendizagem que os alunos apresentam.

Podendo sugerir que, atualmente os profissionais desta área começam a ter uma melhor formação técnica e pedagógica e uma melhor eficácia, concorrendo para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, causando melhores memórias aos seus alunos.

Relativamente à caracterização do professor, tendencialmente as raparigas parecem ter uma opinião mais negativa, comparativamente às experiências mais antigas do que os rapazes. Estas experiências negativas estão associadas ao facto, dos professores serem menos preocupados, menos atentos e menos cuidadosos com os alunos. Por outro lado as experiências positivas estão associadas à maior atenção que dão ao aluno.

No que se refere ao estilo de vida ativo dos alunos, este parece estar associado ao facto de os pais serem elementos preponderantes na sua motivação para a prática de atividade física. Sendo que para além deste incentivo, ainda garantem a sua inscrição em clubes desportivos, acrescentando à prática da E.F.

Este estudo sugere-nos ainda que, mesmo com experiências negativas associadas à prática da E.F., relacionadas com os professores, se os pais tiverem uma concepção sobre a prática de atividade física positiva, acabam por tornar os seus educandos ativos. Podendo considerar que a família exerce uma influência preponderante na concepção e avaliação que os alunos fazem sobre a importância da manutenção do estilo de vida ativo.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- Abrecht, R. (1994). *A avaliação formativa*. Porto: Edições A.S.A;
- Cardinal, B. J., Yan, Z. & Cardinal, M. K. (2013). Negative Experiences in Physical Education and Sport: How much do they affect Physical Activity participation later in life?, *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 84 (3), 49-53;
- Bom, L. (1993). Educação Física apenas nos tempos livres? E o Português, também?. *Espaço Público*, 17;
- Carnall, S. (2003). Relação Pais/Treinador/Atleta: A relação entre os pais e a actividade desportiva jovem: saber como actuar. *Treino Desportivo*, IDP, 3, 22, 54-57;
- Carreiro da Costa, F., (1984, Maio/Junho). O que é o ensino eficaz das actividades físicas no meio escolar? *Revista Horizonte*, Vol. I, nº.1, 22-26;
- Carreiro da Costa, F. (1988). *Sucesso Pedagógico em Educação Física: Estudos das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino*. Tese de Doutoramento, Faculdade Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal;
- Carreiro da Costa, F., Diniz, J., Carvalho, L., & Onofre, M. (1996). School physical education purposes – The parents view, In Ron Lidor, Eitan Eldar & Israel Harari (Eds.), *Bridging the gaps between disciplines, curriculum and instruction. Proceedings of the 1995 AIESEP World Congress* (pp. 181- 187). Wingate Institute, Israel;
- Carreiro da Costa, F., Diniz, J., Carvalho, L., & Onofre, M. (1998). School physical education views: Parents’ and students’ connections. In R. Naul, K. Hardman, M. Piéron & B. Skirstad (Eds.), *Physical Activity and Active Life Style of Children and Youth* (pp. 152-163). Schorndorf: Verlag Karl Hofmann;
- Carreiro da Costa, F. (2008). Qué es una Enseñanza de Calidad en Educación Física?. Conferência proferida na Benemérita Universidade Autónoma da Puebla, México;
- Carta Europeia do Desporto (1992) alínea a) do número 1 do artigo 2º;
- Castro, P., Tucunduva, C. & Arns, E. (2008) “A importância do planeamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente”. *Revista científica de educação*;
- Coelho, O. (2004). *Pedagogia do Desporto, Contributos para uma compreensão do desporto juvenil*. Lisboa: Livros Horizonte;
- Crum, B. (1993). A Crise de Identidade da Educação Física, Ensinar ou não Ser, eis a Questão. *Boletim SPEF*, n.º 7/8, pp. 133-148;
- Cruz, J., Machado, P., & Mota, M. (1996). *Efeitos e benefícios psicológicos do exercício e da actividade física*. In J. F. Cruz (Ed.) *Manual de Psicologia do Desporto* (91-116). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais;
- Delfosse, G., Ledent, M., Carreiro da Costa, F., Telama, R., Almond, L., Cloes, M., & Piéron, M. (1997). Les attitudes de jeunes européens à l’égard de l’école et du cours d’éducation physique. *Sport*, 159 e 160, 96-105;
- Diniz, J. (1997). *Estudo integrado das condições de aprendizagem e da intensidade das atividades em Educação Física*. Tese de Doutoramento, FMH, Universidade Técnica

de Lisboa;

- Hassandra M., Goudas M., Chroni S. (2003). Examining factors associated with intrinsic motivation in physical education: a qualitative approach. *Psychology of Sport and Exercise*, 4, 211-223;
- Leal, J. & Carreiro da Costa, F. (1997). A atitude dos alunos face à escola, à educação física e a alguns comportamentos de ensino do professor. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 15/16, 113-125;
- Lopes, J. & Silva, H. (2010). *O Professor faz a diferença*. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas Lda.;
- Marques, A. (2004). O ensino das actividades físicas e desportivas. Factores determinantes da eficácia. *Horizonte*, 19 (111), 24-27;
- Marques, A., Diniz J., Carreiro da Costa, F., Contramestra, J. & Piéron M. (2009). Percepção de saúde, competência e imagem corporal dos alunos que frequentam os estabelecimentos militares de ensino em Portugal. *Boletim SPEF*, n.º 34, pp. 51-63;
- Mendes, R., Pancas, L., Santos, J. & Baganha, A. (1995). Prevenção de acidentes e lesões em Educação Física. *Revista Horizonte*, Vol. XI, n.º. 66, 229-233;
- Ministério da Educação (2005). Programa Componente de Formação Sociocultural da Disciplina de Educação Física. Direção Geral de Formação Vocacional. Lisboa: Ministério da Educação;
- Ministério da Saúde (2005). Visualizado a 15 de Setembro de 2013 através do site da web: www.portaldasauade.pt;
- Monteiro, M. & Ribeiro dos Santos, M. (2002). *PSICOLOGIA*. Porto Editora, Vol. II;
- Mosston, M. & Ashworth, S. (1993). La Enseñanza de la Educación Física: La reforma de los estilos de enseñanza. Didáctica de la Educación Física II. Universidad Complutense de Madrid;
- Radhamani, R. & Pushparajan, A. (2010). A comparative study of attitude towards Physical Education among professional and non-professional college boys. *Journal of Physical Education and Sport*, Vol.28, n.º 3;
- Raphaelli, C., Silva, L., Santos M., Leal, C., Munhoz, A. & Hallal, P. (2009). *A influência da família na atividade física e no hábito alimentar de adolescentes com sobrepeso e obesidade*. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas;
- Ribeiro, A. (1995). *Desenvolvimento Curricular*. Porto: Texto Editora;

ANEXOS

ANEXOS

ANEXO 1 – Guião da Entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA

Explicação do estudo

⇒ O meu trabalho é sobre as experiências que os alunos têm tido em EF, quer positivas quer negativas. Assim gostaria de saber um pouco sobre aquilo que tens sentido ao longo destes anos todos de EF, se sentiste que te ajudou, ou que não te ajudou; se houve professores que te ajudaram ou que por outro lado fizeram com que gostasses menos desta disciplina, ...

Fatores em estudo

- ⇒ Prática de atividade física;
- ⇒ Pais;
- ⇒ Professores;
- ⇒ Espaços de aula;
- ⇒ Conteúdos das aulas

Tópicos para perguntas

- ⇒ Pratica alguma modalidade desportiva? Ou faz alguma atividade física sem ser nas aulas de ef?
- ⇒ Opinião dos pais sobre a prática desportiva destes? Bem como sobre a importância da disciplina no currículo escolar
- ⇒ Sempre houve boas experiências com todos os professores de EF? Houve alguma experiência que tivesse marcado mais tanto pela positiva como pela negativa?
- ⇒ Existia qualidade nos espaços e nos materiais utilizados nas escolas?
- ⇒ Existe alguma disciplina que gostes menos? Porquê?

Ter atenção: Deixar falar o aluno; Não fazer perguntas que levem a uma resposta indutiva; Tentar absorver o máximo de informação possível; Não

ANEXO 2 – Transcrição das entrevistas/ sinalização das palavras chave

Entrevista Maria

Joana: O meu trabalho tem a ver com as experiências que os alunos tiveram em EF. Como tal, antes de mais gostava de saber se praticas alguma atividade física ou se já praticas-te?

Maria: Atualmente **pratico** basquetebol, no entanto já **pratiquei** ginástica rítmica.

Joana: Podemos perceber que a ginástica rítmica e o basquetebol são duas modalidades completamente diferentes. Queres contar um bocadinho de como foi essa mudança?

Maria: Sim. Eu gosto muito de fazer desporto e isso adveio do gosto que os meus pais sempre tiveram, enquanto praticantes desportivos. E incutiram em mim e no meu irmão essa vontade de praticar também. Assim, aos seis anos entrei para a ginástica rítmica onde permaneci até aos doze anos. O facto de ter deixado a ginástica para ir para o basquetebol não teve a ver com o gosto pela nova modalidade, mas sim como todos sabemos existe uma fase das nossas vidas que nos fazem alterar. E devido às mudanças corporais existentes próprias da puberdade, fizeram com que eu escolhesse outra modalidade. Como o meu primo praticava basquetebol e os treinos eram mesmo ao lado do sítio onde eu fazia ginástica fui experimentar. Durante os meus doze anos tive a praticar ginástica e basket ao mesmo tempo mas depois tive de optar e escolhi o basket.

Joana: Escolhes-te o basquetebol porque já não te sentias bem quando tinhas de usar o fato da ginástica?

Maria: Sim também. Mas também porque sabia que na ginástica não tinha muitos anos para dar, enquanto que no basket tenho ainda muitos anos pela frente. E para ser sincera, também fiquei porque fui logo chamada para ir à seleção de Lisboa.

Joana: E isso deixou-te contente, imagino. Então agora no basquetebol, quantas vezes treinas por semana?

Maria: Desde que entrei para o basket sempre treinei três vezes por semana durante uma hora e meia.

Joana: Disseste-me à bocado que os teus pais foram desportistas. Deste modo, posso concluir que os teus pais reconhecem que a disciplina de EF é fundamental no currículo escolar?

Maria: Sim, sem dúvida. Porque apesar de praticar desporto fora da escola, existem muitas pessoas que não conseguem ter essa possibilidade. E como tal, os meus **pais** sempre me mostraram que praticar atividade física é essencial na vida. Por isso é importante que exista esta disciplina na escola, para que todos os jovens consigam perceber a importância da prática de atividade física, como é que a devemos praticar, quais os cuidados a ter, bem como as questões da saúde, higiene e alimentação deverão ser explicadas.

Joana: Visto que na tua opinião e na dos teus pais a Educação Física apresenta grande importância no currículo escolar, este sistema que agora apareceu da nota de Educação Física não contar para a média, é do teu agrado?

Maria: Acho muito mal. Primeiro qualquer disciplina que deixe de contar é estar, automaticamente a dizer que aquela disciplina só serve para encher o horário. É uma estupidez (e desculpe a expressão) mas uma disciplina que vem desde do 1º ano é porque é fundamental, e como tal deve-lhe ser dada essa importância.

Joana: Pela tua forma de falar dá para perceber que gostas mesmo desta disciplina.

Maria: Ao longo dos meus 12 anos de escola, a Educação Física para mim foi sempre a minha disciplina favorita. Não só porque gosto muito de fazer desporto como também é a disciplina onde consigo tirar melhores notas.

Joana: Disseste que a disciplina de Educação Física era a tua preferida. Calculo que tenhas jeito, o que também ajuda. Mas, fala-me um bocadinho sobre os teus professores. Todos tinham a mesma postura, faziam as coisas de maneira parecida, os exercícios tinham lógica para ti. São só alguns tópicos que te podem ajudar a responder.

Maria: Isso é uma pergunta um pouco difícil, pois tive vários professores. Mas como é óbvio gostei mais de uns do que de outros.

Joana: Então podes escolher dois professores que te recordes que fossem diferentes, por exemplo.

Maria: OK. Na mesma escola tive 2 **professores** diferentes. Diferentes na forma de dar aulas, bem como na idade. Primeiro tive uma professora já com alguma idade que em algumas aulas colocava-nos a fazer atividades e outras onde podíamos escolher (por exemplo: raparigas na dança e rapazes no futebol). A nossa turma era muito boa a jogar voleibol e por isso, como fazíamos o que gostávamos, as **aulas** eram fixes. No entanto, no ano seguinte, tivemos um professor jovem, que era estagiário, e aquilo foi um choque para nós! Primeiro porque as aulas eram totalmente diferentes e depois porque havia regras, havia quem mandasse e sobretudo quem ensinasse, coisa que não estávamos habituados a ter! Foi um início de ano complicado, e o professor Hélder teve mesmo de numa das aulas, só conversar connosco e explicar qual era a função dele, que estava a ser avaliado e que precisava que a turma o ajudasse. Já não me lembro muito bem, mas acho que todos nós fizemos um esforço e as coisas foram muito diferentes. Aprendi muito naquele ano e acabámos mesmo por ganhar uma grande amizade com o professor Hélder. Nós gostávamos muito da professora Dulce, mas sem dúvida que só naquele ano aprendemos realmente, penso eu, o que é ter Educação Física.

Joana: E atualmente?

Maria: Atualmente não tenho nenhuma razão de queixa deste professor. Depois de ter vivido aquela experiência de uma mudança radical de professor, agora penso que este professor se encontra no perfil adequado. Não sei muito bem se se usa este termo.

Joana: Muito bem Maria. Nessa escola que falaste, vocês tinham boas condições, bons materiais?

Maria: Sim, tínhamos um bom **pavilhão**, um campo exterior (embora o chão fosse aquelas pedrinhas) e ainda outro campo exterior com uma rede de voleibol e uma pista de atletismo, o

que à partida quando calhássemos ali, já sabíamos que só podíamos fazer aquelas 2 atividades. Quanto aos materiais, penso que eram bons e que não havia falta dele.

Joana: Então tinham 3 campos com 3 turmas a funcionar?

Maria: Ao contrário do que se passa aqui nesta escola, era raro haver 3 turmas ao mesmo tempo, mas sim. Num campo só fazíamos volei e atletismo, no outro basquetebol e futebol e só no pavilhão é que podíamos fazer outras coisas.

Joana: Então vocês sabia, à partida quais eram as matérias que iriam dar naquela aula, pois saberiam o espaço onde iam ter EF, certo?

Maria: Sim é isso. Por vezes, até “inventávamos” e não devia estar a dizer isto, que tínhamos alguma dor ou problema se sabíamos que era atletismo ou futebol por exemplo. Porque às vezes acontecia estarmos muitas vezes no mesmo espaço por exemplo no campo de volei e pista de atletismo e só fazíamos aquilo, e tornava-se um pouco chato.

Joana: E estavam sempre a trocar de espaço?

Maria: Isso sim. Nunca ficávamos muito tempo sem ir ao pavilhão. Geralmente tínhamos sempre uma das aulas no pavilhão. No entanto, também acontecia que havia semanas em que as duas aulas era no exterior.

Joana: Então e se estivesse a chover?

Maria: Quando chovia, ou não tínhamos aula ou tínhamos aulas teóricas, onde aproveitávamos para fazer medições corporais e isso. O que não acontece nesta escola, sempre que está a chover e nós estamos no campo exterior, existe sempre um burquinho para que possamos ter a aula de EF, mesmo que este seja pequeno para a turma.

Joana: Obrigada Maria.

Entrevista Catarina

Joana: O meu trabalho tem a ver com as experiências que os alunos tiveram em EF. Como tal, antes de mais gostava de saber se praticas alguma atividade física ou se já praticas-te?

Catarina: Quando eu era pequena **pratiquei** ballet. Hum, depois comecei a ir ao ginásio, mas depois quando passei para esta escola no 10º ano, desleixei-me um bocado, nesse aspeto, e só tenho feito as aulas de EF. Mas agora vou-me inscrever outra vez no ginásio, porque agora vou para a faculdade e não quero perder este ritmo.

Joana: Mas nunca quiseste praticar outra atividade física que gostasses?

Catarina: Eu já tentei, mas de facto as minhas aptidões físicas estão um bocadinho aquém.

Joana: Oh não é verdade isso.

Catarina: Ah depende depende stora, ainda não encontrei assim nada que eu gostasse mesmo de fazer, mas gostava também de praticar algum desporto.

Joana: E o que é que os teus pais dizem disso?

Catarina: A minha **mãe** está-me sempre a dizer que eu tenho de encontrar alguma coisa para fazer, porque eu fico sentada demasiado tempo no sofá, e está-me sempre sempre a tentar meter-me em alguma coisa. Mas também já fiz natação, esqueci-me de dizer, mas eu odeio natação.

Joana: Pois sei bem. Olha e em relação há experiência que tu tiveste da outra escola para esta, sentiste alguma diferença?

Catarina: Senti, porque na outra escola nós não fazíamos praticamente nada, era tudo muito básico e esta tem um nível de exigência muito maior.

Joana: Era uma escola pública?

Catarina: Não não, também era privada. Mas, era um bocadinho desta expressão do “*deixa andar*”, não éramos puxados até ao limite, se não conseguíssemos fazer uma coisa, ok não consegues tudo bem não vamos tentar que tu consigas fazer isso. E o nível de **avaliação** não

era como este, que temos níveis (os introdutórios os elementares e assim), aquilo era mesmo “*oh consegues fazer ou não consegues*”, se não consegues pronto, se conseguires ainda bem, portanto foi muito diferente e eu tive de encarar a EF de uma maneira um bocadinho mais séria do que encarava na outra escola.

Joana: E em relação aos professores tiveste assim alguma experiência negativa?

Catarina: Na outra escola o meu **professor** era chamado o “*bacano*”, porque “*ah não nos apetece fazer isso*”, “*então não façam vão se sentar*”, então sentávamos e fazíamos praticamente o que quiséssemos. Hum, portanto nunca houve assim nenhuma experiência que seja negativa com esse stor. Com este stor também não, mas claro que são aprendizagens completamente diferentes, porque este stor obriga-nos de uma maneira positiva, claro a fazer as coisas e eu acho que isso é bom para nós, alunos.

Joana: Então gostas mais deste sistema?

Catarina: Gosto! Gosto porque o outro apesar de não me ter que esforçar tanto e ficar mais quietinha, que às vezes é o que eu gosto, neste eu aprendi a fazer coisas que na outra escola não fazia. Por exemplo, eu a jogar volei, eu na outra escola era uma desgraça, aqui ainda consigo fazer alguma coisa de jeito. Portanto acho que houve assim um salto melhor quando vim para esta escola.

Joana: E, agora que estás no 12º ano, ao longo do teu percurso gostaste de ter EF?

Catarina: Sim gostei. Claro que há aquelas certas matérias que eu não gosto...

Joana: Nomeadamente....

Catarina: Ginástica, não é algo que me inspire muito. Mas eu acho que se nós não fizermos EF muita das vezes, nós não fazemos mais desporto nenhum, e acho que a EF além de nos ajudar a saber como é que se joga os determinados jogos, também nos ajuda a ficar um bocadinho mais em forma, porque muitas pessoas não têm tempo ou não têm paciência para ir para um ginásio e também é uma forma de, temos tantas aulas durante o dia que as aulas de EF também é uma forma de nós conseguirmos relaxar um bocadinho e pensar noutras coisas e não estar neste registo de aula e estar sempre com atenção.

Joana: E na outra escola tinhas condições e materiais para praticar tudo?

Catarina: Sim, na outra escola tinha tudo. Tinham tudo o que esta escola tem, portanto ao nível dos **materiais** era igual.

Joana: O problema era mesmo o sistema de aprendizagem!?

Catarina: Era, porque não era praticamente nenhum. Era estar lá, pegar numa bola fazer o que quisesse, se não quiséssemos não fazia mal.

Joana: Então ficaste um bocadinho desiludida...

Catarina: Foi, também perdi um bocado o gosto da EF, porque se eu fosse estimulada desde do principio, porque eu estive na outra escola durante 11 anos, e durante esses 11 anos foi sempre este registo, e depois quando mudei para esta escola foi uma mudança um bocado drástica. E por isso mesmo, acho que é por isso que eu secalhar não gosto tanto de EF como, gostava. Mas, eu gosto de EF, agora se eu tivesse desde de cedo tido uma nova visão da EF acho que hoje em dia estaria muito melhor a fazer as várias coisas.

Joana: Se apanhasses este novo sistema de a EF não contar para a média, concordavas com isso?

Catarina: Eu acho que não. Porque mesmo que, mesmo que as pessoas não gostem de EF e mesmo que tenham mais dificuldades, eu acho que é sempre bom, porque se não contasse para a média as pessoas iam acabar por se desleixar, cada vez mais, principalmente aquelas que não gostam de EF. Iam pensar, não conta para a **média**, então não me vou esforçar porque não vale sequer a pena e eu acho que ao pensarmos que conta para a média, ao pensar que nós conseguimos fazer sempre mais eu acho que é um estímulo, eu tenho de conseguir fazer isto para ter uma boa nota, e isso também é algo que nos pode ajudar a fazer as várias atividades.

Joana: Catarina muito obrigada.

Entrevista Beatriz

Joana: O meu trabalho é sobre as experiências que os alunos têm tido em EF, quer positivas quer negativas. Assim gostaria de saber um pouco sobre aquilo que tens sentido ao longo destes anos todos de EF, se sentiste que te ajudou, ou que não te ajudou; se houve professores que te ajudaram ou que por outro lado fizeram com que gostasses menos desta disciplina, por aí....

Beatriz: Hum... Não sei muito bem por onde começar.

Joana: Não faz mal. Eu vou te ajudando. Praticas alguma modalidade desportiva?

Beatriz: Agora só **pratico** natação, mas antes **praticava** equitação.

Joana: E qual foi o motivo para deixares a equitação?

Beatriz: Porque, então, aquilo era um bocadinho longe e foi tipo, nós íamos para Vila Franca e tínhamos tipo, aquilo era tipo mais um ambiente tipo familiar, e nós tínhamos as nossas treinadoras e dávamo-nos muito bem com elas. E depois entretanto elas foram fazer uma tour durante dois anos e os cavalos ficaram velhinhos e vieram cavalos novos. E depois também se meteram as férias de verão e depois já não voltámos.

Joana: E a natação? Foi uma opção tua?

Beatriz: Hum... então... No início fui para aprender a nadar mas depois saí. Depois voltei a entrar, depois tive um problema no joelho, mas depois voltei a entrar porque acho que faz bem e eu gosto.

Joana: E saíste da primeira vez porque estavas cansada?

Beatriz: Porque achava que já sabia nadar e que já não precisava de ir mais.

Joana: E quanto tempo é que praticas natação?

Beatriz: Agora já só faço uma vez por semana.

Joana: E em relação à EF, tiveste alguma experiência positiva que te marcasse ao longo destes anos?

Beatriz: Não sei, eu gosto. Gosto mais de umas matérias do que de outras. Acho que aqui na **escola** fazemos mais coisas do que fazia na minha outra escola. Até as **aulas** eram às vezes só uma matéria.

Joana: Andavas aonde?

Beatriz: Escola Luía Madureira.

Joana: E porque achavas que faziam mais matérias do que outras? Sabes que a quantidade de matérias leccionadas, muda de ciclo para ciclo.

Em que ano é que vieste para esta escola?

Beatriz: No ensino secundário.

Joana: Pois, isso influencia um bocadinho.

Beatriz: Sim, mas tinha a sensação que os nossos **professores** na outra escola, faziam o que se lembrava na altura, ou consoante o número de alunos que estávamos, ou pelas condições, tipo espaços e materiais.

Joana: Ah pois, nesse caso as coisas são diferentes. E sempre tiveste boas condições para fazeres as aulas? Bom material?

Beatriz: Sim sempre tivemos boas **condições** nas duas escolas onde andei. E o **material** também era de qualidade.

Joana: E uma experiência assim que te tivesse marcado como negativa? Que não tenhas gostado de alguma coisa, ou alguma lesão que tiveste, ou algum professor falou de maneira diferente.

Beatriz: Não, acho que, não sei.

Joana: Gostaste em todos os anos que tiveste EF, de todos os professores?

Beatriz: Sim. Quer dizer, uma vez tive uma stora que era um bocado coisa nas notas. Por exemplo, os rapazes tinham sempre melhores notas que as raparigas, e isso não era nada justo.

Joana: E os teus pais, acham que a disciplina de EF é importante?

Beatriz: Sim. Eles acham que é importante porque é sempre bom fazermos desporto e aprendermos essas diferentes matérias. Só que agora, tipo, por exemplo para a **média**, pronto secalhar dava mais jeito que não contasse.

Joana: Então porquê?

Beatriz: Por acaso agora até não. O ano passado foi uma das minhas notas mais baixas, mas não foi assim nada por aí além, mas este ano consegui subir um pouco mais.

Joana: Então os teus pais acham que é importante? Eles praticam alguma coisa?

Beatriz: Sim eles acham que é importante praticar desporto. O meu **pai** faz ginásio e jogava volei.

Joana: Então praticaste natação, o teu pai jogava volei, quais são as matérias que gostas mais?

Beatriz: Gosto de basket... Gosto de natação.... Gosto de volei...

Joana: E aquelas que não gostas mesmo?

Beatriz: Ginástica!!

Joana: Mas porquê? Porque achas que não consegues fazer?

Beatriz: Não tenho muito jeito para a coisa e até tenho algum receio.

Joana: Mas achas que és tu que não tens jeito para a coisa ou os professores é que nunca insistiram contigo para que tu conseguisses fazer melhor?

Beatriz: Hum... Há coisas que, tipo o pino, eu não sei fazer o pino e nunca insistiram muito comigo e eu também, tipo, sozinha não, nunca tive aquela força de vontade de querer mesmo fazer.

Joana: Então achas que parte do erro é dos professores?

Beatriz: Sim, talvez.

Joana: hum está bem. Então, quando acabares estes anos todos de escola, vais provavelmente entrar para a faculdade. A não ser que sigas EF, não terás mais atividade física na escola. O que é que tencionas fazer? Tencionas manter a atividade física, pensas-te nisso?

Beatriz: Hum, sim eu já tinha pensado nisso. Até porque eu ginásio não acho muita piada e depois praticar algum desporto, eu acho que é tipo, há coisas que eu gosto mas por exemplo, eu gosto de basket e de volei, mas eu não podia treinar tipo todos os dias, por causa do joelho. E eu já pensei nisso, porque eu já ando na natação há imenso tempo e eu gostava de praticar outro desporto, mas não sei bem o quê.

Joana: Está bem Beatriz. Muito obrigada.

Entrevista Manuel

Joana: O meu trabalho é sobre as experiências que os alunos têm tido em EF, quer positivas quer negativas. Assim gostaria de saber um pouco sobre aquilo que tens sentido ao longo destes anos todos de EF, se sentiste que te ajudou, ou que não te ajudou; se houve professores que te ajudaram ou que por outro lado fizeram com que gostasses menos desta disciplina, por aí.... Pode ser?

Manuel: Tudo bem.

Joana: Praticas alguma atividade física?

Manuel: **Pratico** futsal cá no colégio cerca de 2h por treino, mas também já **fiz** atletismo na outra escola onde eu andava e também demorava 2h o treino, penso eu.

Joana: E desististe do atletismo porque saíste da escola?

Manuel: Sim também, e como vim para Lisboa e tinha aqui o futsal pareceu-me razoável.

Joana: E gostas de fazer atividade física? Achas que é importante?

Manuel: Sim.

Joana: Ao longo do teus doze anos de escola, provavelmente sempre tiveste Educação Física. Quais foram assim as tuas experiências e como é que classificas essas experiências?

Manuel: Hum... Em que nível?

Joana: É má, é boa, muito boa, por aí...

Manuel: Não faço ideia. Penso que será razoável, comparada.... Eu andava numa **escola** pública, e lá basicamente não, pronto não tínhamos obrigatoriedade de comprar os equipamentos lá da escola, podíamos ir como nó quiséssemos, podias usar.... Pronto não havia tanta segurança, penso eu. Podíamos usar os relógios que ninguém nos dizia nada. Pelo menos na minha turma ninguém nos dizia nada. E depois chegávamos lá e fazíamos, basicamente o que queríamos.

Joana: Qual era a escola?

Manuel: Mestre Domingos Saraiva.

Joana: E os professores não se importavam com a aula, por exemplo dava-vos uma bola e deixava-vos jogar, é isso?

Manuel: A maioria das vezes sim. Mas por vezes tínhamos de fazer aquilo que eles queriam.

Joana: Então notas uma grande diferença da outra escola para esta?!

Manuel: Um pouco.

Joana: Achas que estes professores têm regras e ensinam.

Manuel: Sim. Basicamente quando vim para aqui, aquilo que eu não gostei foi da parte da dança, mas pronto isso já são preferências pessoas.

Joana: Assim nesse teu percurso e que te lembres, houve algum professor que te tivesse marcado negativamente ou positivamente?

Manuel: Lá na outra escola, tivemos um **professor** durante um ano, depois ele acabou por integrar num projeto de solidariedade e foi para Angola trabalhar com os miúdos mais novos, e foi pena porque ele dava-nos grandes apoios e penso que foi um dos melhores professores que já apanhei.

Joana: E negativamente há alguma coisa para contar?

Manuel: Não penso que não. O facto de fazermos o que queríamos por vezes na outra escola, poderá ser algo negativo, mas como fazíamos o que queríamos até acabávamos por gostar.

Joana: E sempre tiveram condições para praticar todas as atividades?

Manuel: Sim, tanto nesta escola como na outra sempre tivemos **instalações** boas. Mas como é óbvio apesar de serem boas, não têm nada a ver com estas.

Joana: E os materiais eram de qualidade ou por vezes havia matérias estragados?

Manuel: Isso não. Os **materiais** estavam quase sempre bons. O facto de fazer por vezes algumas coisas com relógios ou pulseiras, como eu já tinha dito, basicamente às vezes podia haver um rasgão no colchão ou assim, mas em termos de estragado não.

Joana: E o que é que os teus pais acham sobre a Educação Física?

Manuel: Acham que é importante fazermos Educação Física e apoiam a disciplina, dizendo que esta é necessária na escola.

Joana: Se ela é um disciplina importante, qual é a tua opinião sobre o facto de ela deixar de contar para a média?

Manuel: Eu acho mal. Mas quer dizer nós estamos sempre a pensar na **média**, e para aqueles alunos que são mais fracos até é bom, porque assim não lhes desce a média. O que não é o meu caso, pois a minha sobe um pouco.

Joana: Então mas não achas que a disciplina de Educação Física não é tão importante como, por exemplo, o Português, a ponto de deixar de contar?

Manuel: Eu não acho isso. Cada uma das disciplinas tem a sua importância. Por exemplo, se nós não formos para uma faculdade que privilegie o desporto, por exemplo eu estou a tirar economia se eu for para a Nova, obviamente que eles não querem saber da Educação Física para nada, mas eu acho que ela é importante na escola e por isso deve contar como as outras.

Joana: Então tencionas praticar atividade física fora da faculdade?

Manuel: Sim com certeza.

Joana: Manuel, muito obrigada pela tua colaboração.

Entrevista Ricardo

Joana: O meu trabalho é sobre as experiências que os alunos têm tido em EF, quer positivas quer negativas. Assim gostaria de saber um pouco sobre aquilo que tens sentido ao longo destes anos todos de EF, se sentiste que te ajudou, ou que não te ajudou; se houve professores que te ajudaram ou que por outro lado fizeram com que gostasses menos desta disciplina, por aí....

Ricardo: Ok!

Joana: Obrigada. Praticas alguma modalidade desportiva, ou já praticas-te?

Ricardo: Não. **Nunca pratiquei** e nem penso praticar.

Joana: Então só fazes atividade física durante as aulas de EF?

Ricardo: Sim.

Joana: Mas por opção, ou porque alguma coisa te impede, como uma lesão por exemplo?

Ricardo: Não, não, por opção mesmo. Eu não gosto muito de praticar desporto e não acho muita piada à disciplina de EF.

Joana: Mas achas que a prática de atividade física não é importante para os alunos?

Ricardo: Sim, a prática de atividade física é boa, mas para quem gosta dela. Eu prefiro passar o meu tempo a jogar computador ou a estudar quando tenho testes. Não tenho lá muito feitio para praticar atividade física, e também não me escolhem para as equipas quando estamos na aula, por isso é uma seca. Para além disso, tenho medo de fazer cambalhotas.

Joana: Não concordas que a atividade física ajuda as pessoas a sentirem-se bem com elas próprias?

Ricardo: Talvez.

Joana: Bem, e queres me contar porque é que tens medo de fazer cambalhotas?

Ricardo: Porque não as sei fazer! E tenho medo de me magoar.

Joana: Compreendo. Mas ao longo destes anos tiveste vários professores que te poderiam ajudar, certo?

Ricardo: Não. Simplesmente eu não queria fazer e nunca ninguém disse que iria conseguir fazê-lo. Por isso desisti.

Joana: Então achas que parte desse teu medo, pode ter sido culpa de um professor, por exemplo?

Ricardo: Não digo que sim, mas também não digo que não.

Joana: Queres me contar alguma experiência menos positiva que tenhas durante os teus dozes anos de EF escolar?

Ricardo: Não gosto muito de falar sobre isto.

Joana: Não te preocupes. Isto é apenas para um trabalho, ninguém vais saber o teu nome, nem aquilo que me contas-te, está bem?

Ricardo: Ok!

Joana: Já percebi que existiu aí uma experiência menos positiva com algum professor certo?

Ricardo: Sim é verdade. Tivemos uma **professora** que se sentava no plinto e nos mandava fazer um pino por cima daquela cena e nem nos ajudava, dava-nos um empurrão e por vezes batíamos lá com as costas. Para além disso, obrigava-nos a dançar e muitas vezes sem rádio, tínhamos de cantar água leva o regadinho, era uma estupidez! Eu não tinha jeito nenhum, e muito menos para cantar e ela gritava comigo. E ainda no trabalho de flexibilidade, punha-se por trás de nós, quando estávamos sentados no chão com as pernas afastadas, e só nos empurrava para baixo à bruta. Aquilo doía-me imenso, mas ela parecia que não queria saber.

Joana: Imagino que não tenha sido muito agradável. E só tiveste essa professora assim?

Ricardo: Não, não. Ainda tivemos um outro **professor** que nos punha a jogar voleibol de 6 e nunca conseguia tocar na bola, porque esta estava sempre no chão.

Joana: Mas os teus colegas também sentiam essa dificuldade?

Ricardo: Sim. Eu confesso que não era nem sou lá muito bom nos jogos, mas se a bola estava sempre no chão, como é óbvio nenhuma equipa conseguia jogar. Então estavam 12 pessoas ali a olhar umas para as outras, era uma seca.

Joana: Compreendo. Disseste à bocado, quase ao início da nossa entrevista, que nunca te escolhiam para as equipas. Conseguiu algum dia perceber o porquê disso acontecer?

Ricardo: Para dizer a verdade não. Eu tenho noção que não tenho jeito nenhum para o desporto, mas também acho que nunca mostrei vontade de o fazer, e por isso talvez fosse juntar o útil ao agradável. Porque eu nas **aulas** só fazia porque era obrigado.

Joana: E os teus pais? Que pensam eles dessa imagem que passas da disciplina de EF?

Ricardo: Aceitam que não goste da disciplina, porque a preocupação deles é que eu tire boas notas, principalmente a Matemática e a Português.

Joana: Os teus pais também nunca praticaram nenhuma modalidade?

Ricardo: Não. Eles nunca tiveram possibilidades de praticar e passavam o tempo todo a trabalhar.

Joana: Se te falasse no facto de a disciplina de EF contar para a média, poderia saber qual era a tua opinião sobre isso?

Ricardo: Claro! Acho que a disciplina não serve para nada, primeiro estraga-me a **média** e depois tira-me tempo para estudar para as outras disciplinas.

Joana: Então se houvesse uma hipótese de a disciplina sair do currículo escolar, estaria de acordo com isso?

Ricardo: Sim. Acho que deveríamos ter mais tempo para disciplinas importantes, como já tinha dito.

Joana: Mas sabes que a disciplina de EF vem desde do 1ºano de escolaridade como o Português e como a Matemática, como tal secalhar ela será tão importante como as outras.

Ricardo: Pois. Talvez eu diga isto porque não gosto de fazer atividade física.

Joana: É uma possibilidade. Olha Ricardo à parte disso, como é que era as instalações na tua outra escola, os materiais, eram de qualidade?

Ricardo: Não existia nenhum problema quanto aos **espaços**. Tínhamos vários espaços para a aula, e os **materiais** nunca estavam estragados, tal e qual como acontece nesta escola.

Joana: Ricardo, muito obrigada pela tua colaboração.

Entrevista Tomás

Joana: O meu trabalho é sobre as experiências que os alunos têm tido em EF, quer positivas quer negativas. Assim gostaria de saber um pouco sobre aquilo que tens sentido ao longo destes anos todos de EF, se sentiste que te ajudou, ou que não te ajudou; se houve professores que te ajudaram ou que por outro lado fizeram com que gostasses menos desta disciplina, por aí....

Tomás: Ok!

Joana: Antes de mais praticas alguma atividade física?

Tomás: Não

Joana: Mas já praticas-te?

Tomás: Sim, **pratiquei** futebol.

Joana: E porque deixas-te?

Tomás: Eu fui porque o meu **pai** achava que tinha muito jeito e que poderia chegar longe. Mas aquilo começou-me a aborrecer e quando entrei para o secundário decidi dedicar-me mais à **escola**.

Joana: Então tu só andavas no futebol porque o teu pai queria?

Tomás: Basicamente sim. Quer dizer eu também gostava um bocadinho, mas às vezes preferia ficar em casa e ele obrigava-me a ir e isso chateava-me um pouco.

Joana: E ele percebeu quando quiseste sair?

Tomás: Sim. Ficou triste e desapontado, mas sim.

Joana: O que disseste?

Tomás: Que agora ia para o secundário e que tinha de estudar mais e portanto ia deixar o futebol.

Joana: E nunca te pediu que voltasses? Ou que praticasses outro tipo de Atividade Física?

Tomás: Não. Acho que respeitou a minha decisão.

Joana: Mas durante estes três anos deixas-te de fazer por completo atividade física?

Tomás: Não. Eu duas vezes por semana vou ao ginásio e por vezes ao fim de semana vou jogar com alguns dos meus amigos, mas isso é muito raramente.

Joana: E o teu pai não alega que em vez de ires ao ginásio, jogarias futebol?

Tomás: Sim podia. Mas é diferente. Porque eu ao ginásio vou quando quero e à hora que quero, e se precisar faltar eu falto, não à problema. Enquanto que no futebol eu era obrigado a ir, porque é uma equipa é um compromisso.

Joana: Boa. Mas pelo menos não deixaste por completo a prática de atividade física, o que é bom! E já que estamos a falar um pouco dos teus pais, o que é que eles acham sobre a disciplina de EF? Esta é importante?

Tomás: O meu **pai** como é virado todo para o desporto, acha que a disciplina é importante e que nos ajuda a manter em forma. No entanto a minha **mãe** acha que é importante, porque a EF não é só fazer atividade física, mas sim aprender regras como.... sei lá, higiene e isso, ela acha que é importante termos EF. Mas, insiste que eu tenha melhores notas nas outras disciplinas.

Joana: Então vamos por partes. O teu pai pensa que a EF só serve para manter em forma, nada mais é isso?

Tomás: Sim.

Joana: E a tua mãe, apesar de saber que a EF transmite outros conhecimentos que não só a prática de atividade física, acha que deves preocupar-te com as outras disciplinas, certo?

Tomás: Sim é isso.

Joana: Ok. Se dissesse que a disciplina de EF não iria contar para a média, que achas que diziam os teus pais disso?

Tomás: Apesar de eles terem opiniões diferentes sobre a EF, penso que ambos não concordariam com isso. Pois, a EF é importante para todos os alunos, e eles percebem isso.

Joana: E tu, concordarias com os teus pais?

Tomás: Sim, sem dúvida. Já pratiquei um desporto fora da escola e já tive muitos colegas na EF. Consigo perceber que nem todos têm a oportunidade de poder praticar algo fora da escola, e portanto esta disciplina ajuda aqueles que não poderão ter outras oportunidades de prática, bem como não estamos apenas a fazer sempre um desporto, mas sim vários, né? E de certeza que cada um deles pede capacidades diferentes, e deixar de contar para a média seria dizer que esta disciplina não é importante.

Joana: Muito bem Tomás. Entrando agora um bocadinho por aí, pela EF, tiveste alguma vez alguma experiência menos positiva que te tenha marcado?

Tomás: Mas em relação à aula? Ou à disciplina?

Joana: O que quiseses contar. Pode ser sobre algum professor, sobre problemas que tenham tido com o espaço ou o material, por aí...

Tomás: Eu acho que não tive assim nenhuma experiência menos positiva.

Joana: Então ao longo destes teus doze anos de escola, sempre gostaste dos teus professores?

Tomás: Sim. Tive **professores** bastante diferentes. Mas não tenho razões de queixa.

Joana: O que queres dizer com “bastante diferentes”? Fala-me um pouco sobre isso.

Tomás: Por exemplo agora o nosso **professor** de EF é o diretor da escola e por vezes ele tem de ir à bancada assinar papéis, ou vai lá alguém falar com ele sobre alguma coisa, ou mesmo ele chega em cima da hora porque esteve em reunião, mas não temos razão de queixa dele, porque apesar de ele ter essas tarefas para fazer, quando está “livre” ele dá-nos uma ótima **aula**.

Joana: E antes de terem o diretor, como era?

Tomás: Era normal. Nós chegávamos à aula, eram feitas as presenças, depois corríamos à volta do campo durante dez minutos e depois nos quinze minutos seguintes fazíamos

alongamentos e trabalho de força, flexões, abdominais, saltos, dorsais, por aí. E só depois começávamos a aula, propriamente dita.

Joana: Mas faziam sempre isso?

Tomás: Sim. Só depois é que éramos divididos para fazer as diferentes matérias.

Joana: Isso no secundário porque tinham dois blocos de 90 minutos certo?

Tomás: Sim sim.

Joana: E nos outros ciclos? Num qualquer que te lembres.

Tomás: Não havia assim nada de mais. Fazíamos o aquecimento que era sempre diferente e divertido, nós gostávamos imenso. E depois fazíamos as matérias. E o professor estava sempre a circular e a falar connosco, tipo dizendo aquilo que tínhamos que melhorar ou para dizer que estava bom ou melhor, por aí.

Joana: E nessas matérias que vocês faziam, havia assim uma que gostasses menos?

Tomás: Eu sempre tive algum jeito para fazer desporto e portanto não tinha muitas dificuldades em fazer as coisas. Mas não fui lá muito à bola com as matérias que envolvia raquetes. O ténis de mesa, o ténis mesmo que só praticámos algumas vezes e o badminton.

Joana: Mas porque não tinhas jeito ou porque não gostavas mesmo?

Tomás: Eu acho que é um bocadinho de cada um.

Joana: E vocês tinham espaços e materiais para trabalharem essas matérias todas?

Tomás: Sim. Sempre tive **condições** para fazer EF e **materiais** de qualidade.

Joana: Tomás muito obrigada pela tua colaboração.

Tomás: De nada, sempre que precisar.

ANEXO 3 – Análise das entrevistas

Análise Entrevista Maria

TEMA – ATIVIDADE FÍSICA

Categorias:

- **Já praticou Atividade Física** – A Maria praticou Ginástica Rítmica dos 6 aos 12 anos. *“Assim, aos seis anos entrei para a ginástica rítmica onde permaneci até aos doze anos. O facto de ter deixado a ginástica para ir para o basquetebol não teve a ver com o gosto pela nova modalidade, mas sim como todos sabemos existe uma fase das nossas vidas que nos fazem alterar. E devido às mudanças corporais existentes próprias da puberdade, fizeram com que eu escolhesse outra modalidade”*.
- **Não pratica Atividade Física** – Não se encontra nada a definir neste parâmetro.
- **Pratica Atividade Física** – A Maria atualmente pratica basquetebol, começando esta modalidade com 12 anos. Sendo esta uma modalidade onde pensa estar daqui a alguns anos.

TEMA – ESTILO DE VIDA

Categorias:

- **Sedentário** – A Maria não apresenta nada sobre este ponto.
- **Ativo** – A Maria sempre foi uma pessoa ativa desde criança até à atualidade, e mostra vontade de continuar a sua atividade física no futuro.

TEMA – OS PAIS

Categorias:

- **Incentivo** – Os pais da Maria foram praticantes de desporto, inculcando esse gosto na Maria e no irmão da Maria. Ainda reconhecem que a EF é uma disciplina importante no currículo: *“Porque apesar de praticar desporto fora da escola, existem muitas pessoas que não conseguem ter essa possibilidade. E como tal, os meus pais sempre me mostraram que praticar atividade física é essencial na vida. Por isso é importante*

que exista esta disciplina na escola, para que todos os jovens consigam perceber a importância da prática de atividade física, como é que a devemos praticar, quais os cuidados a ter, bem como as questões da saúde, higiene e alimentação deverão ser explicadas”.

- **Obstáculo** – Aparentemente em toda a entrevista a Maria refere sempre os pais como um apoio à prática de Atividade Física e não como um obstáculo.

TEMA – EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Categorias:

- **Educação Física passada**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de EF** – A Maria durante toda a entrevista mostrou ter tido, no que referiu, duas experiências diferentes, o que a levou a ter automaticamente dois estilos de aulas diferentes. Revelou que apesar de a professora por vezes os deixar escolher as matérias, não significava que durante a prática das mesmas, não os ajudasse a evoluir ou a trabalhar nelas. Por outro lado, refere que apesar da dificuldade inicial sentida pela turma e pelo novo professor, relata que foi onde sentiu uma maior aprendizagem, bem como uma maior diversidade nas matérias abordadas.
- ⇒ **Caracterização do Professor** – “*Na mesma escola tive 2 professores diferentes. Diferentes na forma de dar aulas, bem como na idade. Primeiro tive uma professora já com alguma idade que em algumas aulas colocava-nos a fazer atividades e outras onde podíamos escolher (por exemplo: raparigas na dança e rapazes no futebol). A nossa turma era muito boa a jogar voleibol e por isso, como fazíamos o que gostávamos, as aulas eram fixes. No entanto, no ano seguinte, tivemos um professor jovem, que era estagiário, e aquilo foi um choque para nós! Primeiro porque as aulas eram totalmente diferentes e depois porque havia regras, havia quem mandasse e*

sobretudo quem ensinasse, coisa que não estávamos habituados a ter! Foi um início de ano complicado, e o professor Hélder teve mesmo de numa das aulas, só conversar connosco e explicar qual era a função dele, que estava a ser avaliado e que precisava que a turma o ajudasse. Já não me lembro muito bem, mas acho que todos nós fizemos um esforço e as coisas foram muito diferentes. Aprendi muito naquele ano e acabámos mesmo por ganhar uma grande amizade com o professor Hélder. Nós gostávamos muito da professora Dulce, mas sem dúvida que só naquele ano aprendemos realmente, penso eu, o que é ter Educação Física”.

⇒ **Recursos espaciais e materiais** – “... tínhamos um bom pavilhão, um campo exterior (embora o chão fosse aquelas pedrinhas) e ainda outro campo exterior com uma rede de voleibol e uma pista de atletismo, o que à partida quando calhássemos ali, já sabíamos que só podíamos fazer aquelas 2 atividades. Quanto aos materiais, penso que eram bons e que não havia falta dele”. A Maria refere ainda que estavam sempre a rodar de espaços, no entanto por vezes calhavam 2 vezes no campo exterior, nesse caso e em dias de chuva: “... , ou não tínhamos aula ou tínhamos aulas teóricas, onde aproveitávamos para fazer medições corporais e isso”.

- **Educação Física atual**

Subcategorias:

⇒ **Caracterização das aulas de EF** – A Maria durante a entrevista, mostrou que atualmente se sente bem com as suas aulas de EF, não acrescentando nada a este tópico.

⇒ **Caracterização do Professor** – “Atualmente não tenho nenhuma razão de queixa deste professor. Depois de ter vivido aquela experiência de uma mudança radical de professor,

agora penso que este professor se encontra no perfil adequado. Não sei muito bem se se usa este termo”.

⇒ **Recursos espaciais e materiais** – A Maria revela que as condições materiais são igualmente boas, relativamente à escola antigo. No entanto revela, que esta escola apresenta melhores condições espaciais, pois mesmo quando chove “..., *sempre que está a chover e nós estamos no campo exterior, existe sempre um buraquinho para que possamos ter a aula de EF, mesmo que este seja pequeno para a turma*”. O que não se verificava na escola anterior referida.

TEMA – AVALIAÇÃO DA EF

Categorias:

- **Contagem na média final** – A opinião da Maria é sem duvida de uma pessoa que pensa que a EF deverá ser valorizada como todas as outras disciplinas: “*Acho muito mal. Primeiro qualquer disciplina que deixe de contar é estar, automaticamente a dizer que aquela disciplina só serve para encher o horário. É uma estupidez (e desculpe a expressão) mas uma disciplina que vem desde do 1º ano é porque é fundamental, e como tal deve-lhe ser dada essa importância*”.
- **Não contagem na média final** – O facto de esta aluna, aparentemente, ter ótimas notas na disciplina de EF, também ajuda a elevar a sua média final do ensino secundário. No entanto, esta aluna nunca revelou que lhe aumentaria a média, justificando apenas como uma questão de identidade da disciplina.

Análise Entrevista Catarina

TEMA – ATIVIDADE FÍSICA

Categorias:

- **Já praticou Atividade Física** – A Catarina já praticou Ballet e Natação: *“Quando eu era pequena pratiquei ballet”; “Mas também já fiz natação”*;
- **Não pratica Atividade Física** – A Catarina atualmente não pratica nenhuma Atividade Física, sem ser nas aulas de Educação Física: *“quando passei para esta escola no 10º ano, desleixei-me um bocado, nesse aspeto, e só tenho feito as aulas de EF”*;
- **Pratica Atividade Física** – A Catarina não pratica nenhuma Atividade Física, mas tenciona voltar a praticar: *“Mas agora vou-me inscrever outra vez no ginásio, porque agora vou para a faculdade e não quero perder este ritmo”*.

TEMA – ESTILO DE VIDA

Categorias:

- **Sedentário** – A Catarina atualmente aparenta ter uma vida mais sedentária: *“porque eu fico sentada demasiado tempo no sofá”*;
- **Ativo** – A Catarina apenas tem Atividade Física durante as aulas de Educação Física.

TEMA – OS PAIS

Categorias:

- **Incentivo** – Os pais da Catarina, principalmente a mãe incentiva a que a Catarina faça alguma Atividade Física: *“A minha mãe está-me sempre a dizer que eu tenho de encontrar alguma coisa para fazer, porque eu fico sentada demasiado tempo no sofá, e está-me sempre sempre a tentar meter-me em alguma coisa”*;
- **Obstáculo** – Aparentemente em toda a entrevista a Catarina refere sempre os pais como um apoio à prática de Atividade Física e não como um obstáculo.

TEMA – EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Categorias:

- **Educação Física passada**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de E.F.** – A Catarina refere que a sua EF passada não se revela uma boa E.F. O facto de as aulas não estarem programadas e não serem lecionadas da melhor forma, também ajudou a Catarina a perder o gosto que tinha da E.F.: *“era um bocadinho desta expressão do “deixa andar”, não éramos puxados até ao limite, se não conseguíssemos fazer uma coisa, ok não consegues tudo bem não vamos tentar que tu consigas fazer isso”, aquilo era mesmo “oh consegues fazer ou não consegues, se não consegues pronto, se conseguires ainda bem”*;
- ⇒ **Caracterização do Professor** – *“Na outra escola o meu professor era chamado o “bacano”, porque “ah não nos apetece fazer isso”, “então não façam vão-se sentar”, então sentávamos e fazíamos praticamente o que quiséssemos. Hum, portanto nunca houve assim nenhuma experiência que seja negativa com esse stor”*;
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – Foi perguntado se as condições e os materiais da sua escola tinham qualidade para a prática da E.F.: *“Sim, na outra escola tinha tudo”*;

- **Educação Física atual**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de E.F.** – A Catarina sentiu uma diferença muito grande quando passou para a escola atual: *“foi muito diferente e eu tive de encarar a E.F. de uma maneira um bocadinho mais séria do que encarava na outra escola”*.

- ⇒ **Caracterização do Professor** – *“Hum, portanto nunca houve assim nenhuma experiência que seja negativa com esse stor. Com este stor também não, mas claro que são aprendizagens completamente diferentes, porque este stor obriga-nos de uma maneira positiva, claro a fazer as coisas e eu acho que isso é bom para nós, alunos”.*
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – *“Tinham tudo o que esta escola tem, portanto ao nível dos materiais era igual”*

TEMA – AVALIAÇÃO DA E.F.

Categorias:

- **Contagem na média final** – A opinião da Catarina é sem dúvida de uma pessoa que pensa que a E.F. deverá ser valorizada como todas as outras disciplinas: *“Eu acho que não. Porque mesmo que, mesmo que as pessoas não gostem de E.F. e mesmo que tenham mais dificuldades, eu acho que é sempre bom, porque se não contasse para a média as pessoas iam acabar por se desleixar, cada vez mais, principalmente aquelas que não gostam de E.F. Iam pensar, não conta para a média, então não me vou esforçar porque não vale sequer a pena e eu acho que ao pensarmos que conta para a média, ao pensar que nós conseguimos fazer sempre mais eu acho que é um estímulo, eu tenho de conseguir fazer isto para ter uma boa nota, e isso também é algo que nos pode ajudar a fazer as várias atividades”.*
- **Não contagem na média final** – Como referido em cima, esta aluna apesar das dificuldades que refere ter nunca colocaria a hipótese de esta disciplina sair do cálculo de média final.

Análise Entrevista Beatriz

TEMA – ATIVIDADE FÍSICA

Categorias:

- **Já praticou Atividade Física** – A Beatriz já praticou Equitação: *“antes praticava equitação”*.
- **Não pratica Atividade Física** – A Beatriz sempre praticou Atividade Física, apesar de ter tido um problema no joelho, que a levou a uma paragem na sua prática desportiva.
- **Pratica Atividade Física** – A Beatriz pratica Natação desde de pequena, com o intuito de aprender a nadar: *“No inicio fui para aprender a nadar mas depois saí”*. No entanto, após a sua saída a Beatriz voltou à prática da Natação, voltando a sair devido a um problema no joelho. Contudo, atualmente é ainda a modalidade que a Beatriz pratica, porque segundo a sua justificação: *“ porque acho que faz bem e eu gosto”*. A Beatriz pratica Natação, apenas uma vez por semana.

TEMA – ESTILO DE VIDA

Categorias:

- **Sedentário** – A Beatriz apesar de só praticar uma vez por semana Natação e agregando as duas horas semanais de Educação Física que tem na escola, poderá dizer-te que a Beatriz é uma aluna Ativa.
- **Ativo** – A Beatriz já pensa, após o término do ensino secundário, continuar a pratica de Atividade Física: *“Hum, sim eu já tinha pensado nisso. Até porque eu ginásio não acho muita piada e depois praticar algum desporto, eu acho que é tipo, há coisas que eu gosto mas por exemplo, eu gosto de basket e de volei, mas eu não podia treinar tipo todos os dias, por causa do joelho. E eu já pensei nisso, porque eu já ando na natação há imenso tempo e eu gostava de praticar outro desporto, mas não sei bem o quê.”*.

TEMA – EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Categorias:

- **Educação Física passada**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de E.F.** – A Beatriz refere que gosta de fazer E.F., mas que as suas aulas de E.F. na antiga escola, eram diferentes das aulas desta escola. *“Não sei, eu gosto. Gosto mais de umas matérias do que de outras. Acho que aqui na escola fazemos mais coisas do que fazia na minha outra escola”*.
- ⇒ **Caracterização do Professor** – A Beatriz refere que a caracterização que fez das aulas de E.F. tinha um bocadinho a ver com a influencia do Professor, *“mas tinha a sensação que os nossos professores na outra escola, faziam o que se lembrava na altura, ou consoante o número de alunos que estávamos, ou pelas condições, tipo espaços e materiais”*. No entanto, apesar desta sensação da Beatriz, existiu outro momento desagradável durante a sua prática na outra escola: *“Quer dizer, uma vez tive uma stora que era um bocado coisa nas notas. Por exemplo, os rapazes tinham sempre melhores notas que as raparigas, isso não era nada justo. Porque às vezes existia raparigas muito melhores que alguns rapazes, em todas as áreas, e tinham piores notas que eles”*.
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – A Beatriz refere que não existia diferenças nas duas escolas, relativamente às condições espaciais e materiais: *“ Sim sempre tivemos boas condições nas duas escolas onde andei. E o material também era de qualidade”*.

- **Educação Física atual**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de E.F.** – A Beatriz refere que gosta de fazer E.F., mas que as suas aulas de E.F. na antiga escola, eram diferentes das aulas desta escola. *“Não sei, eu gosto. Gosto mais de umas matérias do que de outras. Acho que aqui na escola fazemos mais coisas do que fazia na minha outra escola. Até as aulas eram às vezes só uma matéria”*.
- ⇒ **Caracterização do Professor** – A Beatriz delicadamente refere que os professores tem por vezes culpa daquilo que os alunos não conseguem fazer, no entanto também refere que os alunos por vezes não se mostra com a força suficiente para ultrapassar as suas dificuldades. *“Hum... Há coisas que, tipo o pino, eu não sei fazer o pino e nunca insistiram muito comigo e eu também, tipo, sozinha não, nunca tive aquela força de vontade de querer mesmo fazer”*.
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – A Beatriz refere que não existia diferenças nas duas escolas, relativamente às condições espaciais e materiais: *“Sim sempre tivemos boas condições nas duas escolas onde andei. E o material também era de qualidade”*.

TEMA – OS PAIS

Categorias:

- **Incentivo** – Os pais da Beatriz acham que a E.F. é uma disciplina importante: *“Sim. Eles acham que é importante porque é sempre bom fazermos desporto e aprendermos diferentes matérias”*, *“Sim eles acham que é importante praticar desporto. O meu pai faz ginásio e jogava volei”*.
- **Obstáculo** – Aparentemente em toda a entrevista, a Beatriz refere sempre os pais como um apoio à prática de Atividade Física e não como um obstáculo.

TEMA – AVALIAÇÃO DA EF

Categorias:

- **Não contagem na média final** – A Beatriz revelou que apesar da importância da E.F. e de toda a importância que os pais lhe demonstram sobre esta disciplina, a Beatriz encontrou-se um pouco confusa relativamente a esta pergunta. Como tal, a resposta tendeu para este lado: *“Só que agora, tipo, por exemplo para a média, pronto secalhar dava mais jeito que não contasse”*.
- **Contagem na média final** – Apesar de percebermos que a Beatriz preferia que a nota de E.F. não contasse para o cálculo da média final, refere ainda: *“Por acaso agora até não. O ano passado foi uma das minhas notas mais baixas, mas não foi assim nada por aí além, mas este ano consegui subir um pouco mais”*, não deixando totalmente de fora a hipótese de poder contar para a média final.

Análise Entrevista Manuel

TEMA – ATIVIDADE FÍSICA

Categorias:

- **Já praticou Atividade Física** – O Manuel praticou atletismo na sua antiga escola: *“já fiz atletismo na outra escola onde eu andava e também demorava 2h o treino, penso eu”*.
- **Não pratica Atividade Física** – Nada a referir neste ponto.
- **Pratica Atividade Física** – Atualmente o Manuel pratica futsal na escola onde anda: *“Pratico futsal cá no colégio cerca de 2h por treino”*.

TEMA – ESTILO DE VIDA

Categorias:

- **Sedentário** – O Manuel ao longo da entrevista pareceu um rapaz preocupado com a prática de atividade física.
- **Ativo** – O Manuel já praticou atletismo, atualmente pratica futsal e quando entrar para a Universidade tenciona continuar a praticar atividade física.

TEMA – OS PAIS

Categorias:

- **Incentivo** – Os pais do Manuel também são da opinião que a pratica de atividade física é importante e como tal a disciplina de Educação Física é necessária na escola: *“Acham que é importante fazermos Educação Física e apoiam a disciplina, dizendo que esta é necessária na escola”*.
- **Obstáculo** – Nada a referir neste ponto.

TEMA – EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Categorias:

- **Educação Física passada**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de E.F.** – O Manuel refere que na sua escola antiga a segurança era mais reduzida: *“Eu andava numa escola pública, e lá basicamente não, pronto não tínhamos obrigatoriedade de comprar os equipamentos lá da escola, podíamos ir como nós quiséssemos, podias usar.... Pronto não havia tanta segurança, penso eu. Podíamos usar os relógios que ninguém nos dizia nada. Pelo menos na minha turma ninguém nos dizia nada. E depois chegávamos lá e fazíamos, basicamente o que queríamos”*.
- ⇒ **Caracterização do Professor** – Relativamente a este ponto o Manuel refere que na outra escola teve dois tipos de professores. Um dos professores é referido como o preferido do Manuel: *“Lá na outra escola, tivemos um professor durante um ano, depois ele acabou por integrar num projeto de solidariedade e foi para Angola trabalhar com os miúdos mais novos, e foi pena porque ele dava-nos grandes apoios e penso que foi um dos melhores professores que já apanhei”*. No entanto o Manuel também refere que na outra escola teve professores que permitiam que os alunos fizessem o que queriam: *“O facto de fazermos o que queríamos por vezes na outra escola, poderá ser algo negativo, mas como fazíamos o que queríamos até acabávamos por gostar”*.
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – Relativamente aos espaços, estes são referidos como: *“Sim, tanto nesta escola como na outra sempre tivemos instalações boas. Mas como é óbvio apesar de serem boas, não têm nada a ver com estas”*. No que se refere aos materiais o Manuel diz que: *“Isso não. Os materiais estavam quase sempre bons. O facto de fazer por*

vezes algumas coisas com relógios ou pulseiras, como eu já tinha dito, basicamente às vezes podia haver um rasgão no colchão ou assim, mas em termos de estragado não”.

- **Educação Física atual**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de E.F.** – Nesta escola o Manuel refere que existe mais regras como o equipamento, as questões dos relógios e pulseiras é logo referido que é proibido usar, havendo assim uma maior segurança nas aulas. Bem como as aulas têm uma maior organização.
- ⇒ **Caracterização do Professor** – O Manuel diz neste ponto que nesta escola os professores têm mais cuidado com a segurança dos alunos e com a própria Educação Física.
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – “*Sim, tanto nesta escola como na outra sempre tivemos instalações boas. Mas como é óbvio apesar de serem boas, não têm nada a ver com estas*”, as condições espaciais e materiais da escola atual são superiores às da escola antiga.

TEMA – AVALIAÇÃO DA EF

Categorias:

- **Contagem na média final** – “*Eu acho mal. Mas quer dizer nós estamos sempre a pensar na média, e para aqueles alunos que são mais fracos até é bom, porque assim não lhes desce a média. O que não é o meu caso, pois a minha sobe um pouco. Cada uma das disciplinas tem a sua importância. Por exemplo, se nós não formos para uma faculdade que privilegie o desporto, por exemplo eu estou a tirar economia se eu for para a Nova, obviamente que eles não querem saber da Educação Física para nada, mas eu acho que ela é importante na escola e por isso deve contar como as outras*”.
- **Não contagem na média final** – Nada a referir neste ponto.

Análise Entrevista Ricardo

TEMA – ATIVIDADE FÍSICA

Categorias:

- **Já praticou Atividade Física** – O Ricardo nunca praticou nenhuma atividade física sem ser nas aulas de EF.
- **Não pratica Atividade Física** – “*Não. Nunca pratiquei e nem penso praticar*”.
- **Pratica Atividade Física** – O Ricardo não pratica nenhum tipo de atividade física sem ser nas aulas de EF.

TEMA – ESTILO DE VIDA

Categorias:

- **Sedentário** – O Ricardo aparenta ser um aluno do tipo sedentário. “*Eu prefiro passar o meu tempo a jogar computador ou a estudar quando tenho testes*”.
- **Ativo** – O Ricardo não é um aluno ativo.

TEMA – OS PAIS

Categorias:

- **Incentivo** – Não existe qualquer incentivo dos pais, para a prática de Atividade Física.
- **Obstáculo** – Os pais do Ricardo são um obstáculo à prática de Atividade Física, pois: “*Aceitam que não goste da disciplina, porque a preocupação deles é que eu tire boas notas, principalmente a Matemática e a Português*”

TEMA – EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Categorias:

- **Educação Física passada**

Subcategorias:

⇒ **Caracterização das aulas de EF** – Apesar de todas as dificuldades sentidas durante as aulas pelo Ricardo, podemos

concluir que algumas das aulas não eram as mais indicadas, pois como referido: *“Eu confesso que não era nem sou lá muito bom nos jogos, mas se a bola estava sempre no chão, como é óbvio nenhuma equipa conseguia jogar. Então estavam 12 pessoas ali a olhar umas para as outras, era uma seca”*. Deste modo, podemos concluir que as aulas não se encontravam adequadas para o nível de jogo daquela turma, no que se refere à matéria de Voleibol.

- ⇒ **Caracterização do Professor** – O Ricardo apresentou uma professora, a qual (pelas palavras do aluno) foi referida como uma má professora, pois desmotivava o aluno à realização de qualquer atividade: *“Tivemos uma professora que se sentava no plinto e nos mandava fazer um pino por cima daquela cena e nem nos ajudava, dava-nos um empurrão e por vezes batíamos lá com as costas. Para além disso, obrigava-nos a dançar e muitas vezes sem rádio, tínhamos de cantar água leva o regadinho, era uma estupidez! Eu não tinha jeito nenhum, e muito menos para cantar e ela gritava comigo. E ainda no trabalho de flexibilidade, punha-se por trás de nós, quando estávamos sentados no chão com as pernas afastadas, e só nos empurrava para baixo à bruta. Aquilo doía-me imenso, mas ela parecia que não queria saber”*. Deste modo, apesar da dificuldade e da falta de gosto pela disciplina que o Ricardo apresenta, podemos ainda concluir que esta professora não conseguiu motivar este aluno, levando a atingir pequenos objetivos ao longo do ano letivo, mas sim a fazê-lo cada vez mais acreditar que a disciplina de Educação Física não faria falta no currículo dos alunos, pois só magoava e só fazia com que se chateassem com as pessoas.
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – *“Não existia nenhum problema quanto aos espaços. Tínhamos vários espaços para a aula, e os materiais nunca estavam estragados, tal e qual como acontece nesta escola”*.

- **Educação Física atual**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de EF** – O Ricardo conta que tem medo de fazer cambalhotas porque: *“Porque não as sei fazer! E tenho medo de me magoar”*, sendo lhe perguntado de seguida se ao longo destes doze anos não houve nenhum professor que o ajudasse a ultrapassar esse medo: *“Não. Simplesmente eu não queria fazer e nunca ninguém disse que iria conseguir fazê-lo. Por isso desisti”*. Deste modo, não conseguimos saber se foi realmente o Ricardo que nunca insistiu para fazer, ou se foram os Professores que desistiram do Ricardo. Independentemente disso continuamos a perceber que na opinião do Ricardo, este não teve nenhuma experiência positiva ao longo dos seus doze anos de escolaridade. No entanto, não temos informações credíveis para perceber se as aulas apresentavam melhor qualidade de ensino.
- ⇒ **Caracterização do Professor** – O Ricardo não se pronunciou sobre o atual professor de Educação Física. Contudo e na continuação do pensamento anterior, podemos perceber que poderá não ter sido culpa do professor mas sim do Ricardo, ou vice-versa.
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – *“Não existia nenhum problema quanto aos espaços. Tínhamos vários espaços para a aula, e os materiais nunca estavam estragados, tal e qual como acontece nesta escola”*.

TEMA – AVALIAÇÃO DA EF

Categorias:

- **Contagem na média final** – O Ricardo não concorda que seja contada para a média final.
- **Não contagem na média final** – Na opinião do Ricardo a disciplina de EF poderia mesmo deixar de existir, pois está a retirar tempo para as outras disciplinas que o Ricardo acha fundamentais, como o português e a matemática. *“Acho que a disciplina não serve para nada, primeiro estraga-me a média e depois tira-me tempo para estudar para as outras disciplinas”*.

Análise Entrevista Tomás

TEMA – ATIVIDADE FÍSICA

Categorias:

- **Já praticou Atividade Física** – O Tomás praticou Futebol desde pequeno até entrar no Ensino Secundário, *“Sim, pratiquei futebol”, “Eu fui porque o meu pai achava que tinha muito jeito e que poderia chegar longe. Mas aquilo começou-me a aborrecer e quando entrei para o secundário decidi dedicar-me mais à escola”*.
- **Não pratica Atividade Física** – Não se encontra nada a definir neste parâmetro.
- **Pratica Atividade Física** – Atualmente o Tomás utiliza o ginásio duas vezes por semana, bem como de vez em quando joga futebol ao fim de semana com os amigos: *“Eu duas vezes por semana vou ao ginásio e por vezes ao fim de semana vou jogar com alguns dos meus amigos, mas isso é muito raramente”*.

TEMA – ESTILO DE VIDA

Categorias:

- **Sedentário** – O Tomás não apresenta nada sobre este ponto.
- **Ativo** – O Tomás apesar de ter deixado o futebol, continua a ser uma pessoa ativa, pois apesar de a sua atividade ser realizada num ginásio, o Tomás não deixou de praticar atividade física semanalmente.

TEMA – OS PAIS

Categorias:

- **Incentivo** – O Tomás entrou para o futebol porque o pai fez questão que ele praticasse aquela modalidade: *“Eu fui porque o meu pai achava que tinha muito jeito e que poderia chegar longe”*. No entanto, posteriormente o Tomás desistiu do futebol para se dedicar à escola: *“Que agora ia para o secundário e que tinha de estudar mais e portanto ia deixar o futebol”*. Quanto à disciplina de EF os pais do Tomás referem, segundo o Tomás que: *“O meu pai como é virado todo para o desporto, acha que a disciplina é importante e que nos ajuda a manter em forma. No entanto a minha mãe*

acha que é importante, porque a EF não é só fazer atividade física, mas sim aprender regras como.... sei lá, higiene e isso, ela acha que é importante termos EF. Mas, insiste que eu tenha melhores notas nas outras disciplinas”.

- **Obstáculo** – Aparentemente em toda a entrevista o Tomás refere sempre os pais como um apoio à prática de Atividade Física e não como um obstáculo, apesar das diferenças existentes de pensamento sobre a disciplina.

TEMA – EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Categorias:

- **Educação Física passada**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de EF** – No ensino básico: “Não havia assim nada de mais. Fazíamos o aquecimento que era sempre diferente e divertido, nós gostávamos imenso. E depois fazíamos as matérias”.. No ensino secundário: “Era normal. Nós chegávamos à aula, eram feitas as presenças, depois corríamos à volta do campo durante dez minutos e depois nos quinze minutos seguintes fazíamos alongamentos e trabalho de força, flexões, abdominais, saltos, dorsais, por aí. E só depois começávamos a aula, propriamente dita”.
- ⇒ **Caracterização do Professor** – Quanto aos professores que o Tomás teve: “E o professor estava sempre a circular e a falar connosco, tipo dizendo aquilo que tínhamos que melhorar ou para dizer que estava bom ou melhor, por aí”.
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – “Sim. Sempre tive condições para fazer EF e materiais de qualidade”.

- **Educação Física atual**

Subcategorias:

- ⇒ **Caracterização das aulas de EF** – Atualmente as aulas do Tomás, apesar das pequenas falhas existentes por o professor ser o diretor da escola, são consideradas de qualidade: *“ele dá-nos uma ótima aula”*.
- ⇒ **Caracterização do Professor** – Apesar das diferentes tarefas que o Professor do Tomás tem de exercer dentro da escola, aparentemente este não descuida as suas aulas: *“Por exemplo agora o nosso professor de EF é o diretor da escola e por vezes ele tem de ir à bancada assinar papéis, ou vai lá alguém falar com ele sobre alguma coisa, ou mesmo ele chega em cima da hora porque esteve em reunião, mas não temos razão de queixa dele, porque apesar de ele ter essas tarefas para fazer, quando está “livre” ele dá-nos uma ótima aula”*.
- ⇒ **Recursos espaciais e materiais** – *“Sim. Sempre tive condições para fazer EF e materiais de qualidade”*.

TEMA – AVALIAÇÃO DA EF

Categorias:

- **Contagem na média final** – Na opinião do Tomás, este refere que os seus pais não concordariam com a medida de esta disciplina deixar de ser contada para a média: *“Apesar de eles terem opiniões diferentes sobre a EF, penso que ambos não concordariam com isso. Pois, a EF é importante para todos os alunos, e eles percebem isso”*. Quanto à sua própria opinião o Tomás refere que: *“Sim, sem dúvida. Já pratiquei um desporto fora da escola e já tive muitos colegas na EF. Consigo perceber que nem todos têm a oportunidade de poder praticar algo fora da escola, e portanto esta disciplina ajuda aqueles que não poderão ter outras oportunidades de prática, bem como não estamos apenas a fazer sempre um desporto, mas sim vários, né? E de certeza que cada um deles pede capacidades diferentes, e deixar de contar para a média seria dizer que esta disciplina não é importante”*.

- **Não contagem na média final** – Na entrevista não há nenhuma informação sobre este tópico.